

TRADUÇÃO

Proximidade espacial e distância social. Os grandes conjuntos e sua população¹

Jean-Claude CHAMBOREDON e Madeleine LEMAIRE

No momento da publicação deste artigo (1970), os autores eram pesquisadores do Centre d'Études Européennes (CSE), criado em 1960 por Raymond Aron e presidido por Pierre Bourdieu.

Nota introdutória, Jorge de La Barre

Publicado na *Revue française de sociologie* em 1970, “Proximité spatiale et distance sociale, les grands ensembles et leur peuplement” é uma referência em sociologia urbana. O artigo trata de um capítulo importante da sociedade francesa cuja modernização é refletida por uma urbanização rápida. Iniciado logo no pós-Guerra e ao longo dos anos 1950, o boom das “banlieues nouvelles” (novos subúrbios) vai se mantendo durante os anos 1960, acompanhado por grandes esperanças sobre uma sociedade francesa em plena formação pela qual os grandes conjuntos habitacionais iam precisamente simbolizar um novo modelo de desenvolvimento integrado – econômico, social e cultural.

Críticos dos discursos otimistas sobre os grandes conjuntos – da “profecia urbanística” de Chombart de Lauwe à “utopia populista” de Henri Lefebvre, passando pela “prospetiva tecnocrática” dos demógrafos –, Jean-Claude Chamboredon e Madeleine Lemaire revelam ao contrário uma morfologia social específica dos grandes conjuntos, que vai misturando populações heterogêneas, “que não são dadas mas sim produzidas por mecanismos sociais que devem ser objetivados” (PASQUALI, 2012, p. 119 – tradução nossa).² Na altura, Chamboredon e Lemaire são dois jovens sociólogos do Centro de sociologia europeia (CSE), criado em 1960 por Raymond Aron e presidido por Pierre Bourdieu. Contra o ufanismo urbanístico, os sociólogos demonstram empiricamente (o artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida durante três anos

¹ Publicado originalmente em *Revue française de sociologie*, XI, 1970, pp. 3-33. Traduzido por Jorge de La Barre. Revisão de Maira Martins.

² PASQUALI, Paul. “Deux sociologues en banlieue. L'enquête sur les grands ensembles de Jean-Claude Chamboredon et Madeleine Lemaire (1966-1970)”. *Genèses*, v. 2, n. 87, p. 113-135, 2012.

em Antony, na *banlieue* sul de Paris) os mecanismos de *distinção* operando no espaço dos grandes conjuntos.

De certa forma, o artigo é a “crítica social do julgamento” de Bourdieu, aplicada ao novo urbanismo francês (*grosso modo* os períodos de pesquisa correspondem: 1966-69 para “Proximité sociale et distance sociale”, e 1963-68 para *A distinção* de Bourdieu, publicado em 1979). Apesar de um estilo bourdieusiano um tanto desatualizado (o artigo conta mais de 100 notas de rodapé !...), e além de uma crítica dos grandes conjuntos, consagrada há tempo (a *banlieue* é um problema social...), a problemática subjacente a esta pesquisa permanece nitidamente atual, quase meio século (45 anos) depois da sua publicação. Talvez mais particularmente ainda numa cidade como o Rio de Janeiro, que convive há dez vezes mais tempo (450 anos) com a sempre e urgente questão da *proximidade espacial e distância social*.

Prospectiva tecnocrática, profecia urbanística ou utopia populista, é raro que reflexões sobre novas condições de moradia não anunciem de uma forma ou outra, o surgimento de uma nova sociedade, livre das divisões de classe tradicionais e, mais frequentemente, composta de novos homens que apresentem um “psiquismo” original.³ Essas mudanças são exclusivamente atribuídas à coexistência de grupos sociais anteriormente separados ou, em alguns casos, apenas ao efeito das condições de habitat e da “paisagem urbanística”. Para romper com essa sociologia espontânea, podemos nos contentar em afirmar o oposto do discurso comum? Alguns estudos, inspirados na intenção de criticar a visão comum que atribui às diversas manifestações anômicas observadas como características da população dos grandes conjuntos habitacionais, fazem desaparecer a especificidade da população dessas unidades de moradia, pois difundem o preconceito substancialista das opiniões que pretendem questionar. Preconceito este definido pela ideia de que os habitantes dos grandes conjuntos teriam, enquanto tais, características específicas: com base na comparação de *médias*, esses estudos só podem constatar que, em média, os habitantes dos grandes conjuntos não são muito diferentes da média da população francesa ou da média da população urbana francesa, ou ainda da média da população vivendo

³ Agradecemos P. Bourdieu, cujos conselhos e sugestões foram muito úteis para nós, tanto durante a realização das pesquisas relatadas aqui como durante a redação deste artigo.

em novos edifícios, enfim não são muito diferentes do *francês médio*. Este é o método de um inquérito sobre os grandes conjuntos habitacionais⁴ que, “tendo como primeiro objetivo uma descrição média” (p. 394), compara a média dos habitantes de grandes conjuntos com várias médias calculadas sobre categorias de populações que não são de forma alguma definidas pela residência no mesmo bairro ou no mesmo conjunto habitacional, de forma que, trabalhando com duas abstrações, não consegue tratar a questão no que ela tem de mais específico, e não pode dizer se os grandes conjuntos considerados separadamente e não como um todo enquanto habitat de uma população específica, têm um povoamento diferente de outras unidades de habitação e menos ainda definir, eventualmente, essa diferença.⁵ A ilusão da média pode levar à alternativa de negar todas as características dos grandes conjuntos, sobretudo os mínimos sinais de integração social e as formas originais das relações sociais, ou de relegá-las ao indefinível, atribuindo-as indiscriminadamente à eficácia milagrosa das condições materiais (a paisagem ou, sobretudo, a falta de equipamentos coletivos). Estas duas posições se desviam ou da análise sociológica em favor da constatação banal que ressalta generalidades, que por definição são imutáveis, ou da leitura prospectiva que vem detectando mutações em todo canto. Para definir verdadeiramente a população dos grandes conjuntos habitacionais, e para caracterizar as diversas categorias que compõem esta população, não devemos recorrer à comparação abstrata

⁴ Os resultados são apresentados por P. CLERC em *Grands ensembles, banlieues nouvelles*, Paris, Presses Universitaires de France, 1967.

⁵ “Por tão específica que seja a estrutura demográfica da população dos grandes conjuntos, não se trata de uma população à parte, criada de alguma forma pela própria natureza dos grandes conjuntos, como frequentemente se acredita. Na verdade, essa população é muito próxima daquela que é constituída pelo grupo de franceses instalados em habitações novas... Particularmente, não observa-se neste caso mais famílias grandes do que em outros lugares. A análise comparada provoca uma verdadeira desmistificação” (P. CLERC, *op. cit.*, “Préface”, de A. Girard, p. 6). A composição social média observada em uma amostra de grandes conjuntos habitacionais não é mais do que uma abstração enganadora que, a rigor, não permite tirar conclusões sobre a população de grandes conjuntos na medida em que as categorias de população cuja porcentagem é conhecida podem ser agrupadas de forma muito diferente nas diversas unidades de moradia: “as diferenças (de composição social de um conjunto para o outro) não podem ser medidas com precisão, devido à estrutura da amostra que serve exclusivamente à descrição média” (P. CLERC, p. 425). O problema da composição social específica de cada grande conjunto enquanto unidade de moradia é considerado apenas em relação às opiniões dos habitantes sobre os grandes conjuntos habitacionais e sobre sua “*cité*”. No entanto, esta única consideração é suficiente para provar que a média estatística abrange situações reais muito distintas: “Não há apenas um conjunto, mas centenas... algumas vezes caracterizados por composições sociais bastante originais” (P. CLERC, p. 363).

com uma média geral, e sim, à comparação com outras unidades de habitação e especialmente com outros bairros da mesma cidade.

Além disso, não há nenhuma razão para considerar a composição social dessas populações a partir da abstração dos mecanismos sociais pelos quais as diferentes categorias foram aproximadas, e tratando como uma “amostra aleatória” aquilo que pode ser o produto de uma seleção específica: Teríamos aqui um operário médio como vizinho de um trabalhador médio com nível superior? A ilusão da geração espontânea poderia de fato ser o princípio da ignorância das características da população dos grandes conjuntos, frequentemente reduzida à mais óbvia: a forma particular da pirâmide de idades. A tradição da análise ecológica é de fato marcada, conforme a analogia com a ecologia animal e a biologia,⁶ pelo pressuposto de movimentos espontâneos de população. Uma análise sociológica abrangente pressupõe um estudo morfológico da população levando em conta os princípios segundo os quais ela se constituiu, princípios que são diferentes dependendo do tipo de edifício e do tipo de estatuto dos ocupantes.⁷

Somente quando as características morfológicas dessa população tiverem sido nitidamente estabelecidas é que poderemos analisar as transformações sociais induzidas pelos grandes conjuntos habitacionais. É possível de fato que muitas das características da percepção social e das relações sociais, que por um lado ampliamos a fim de vermos neles sinais de uma “mudança psicológica”, ou mudanças nas formas de vida características da “sociedade de massa”; ou que por outro lado atribuímos a naturezas simples, noções psicológicas disfarçadas

⁶ Cf. HAWLEY, A.H. *Human ecology*. New York: Ronald Press Company, 1950, pp. 33-65.

⁷ Enquanto os estudos habituais sobre os grandes conjuntos adotam uma definição a partir do tamanho da unidade de habitação, o estatuto de ocupação da moradia segue como uma variável secundária sobre a qual o inquérito traz esclarecimentos. As diferentes populações estudadas aqui são claramente distinguidas segundo as categorias de inquilino ou proprietário, a característica dos grandes conjuntos, a heterogeneidade da população, e variam consideravelmente dependendo do estatuto dos habitantes, chegando ao ponto máximo nos edifícios compostos por apartamentos que são alugados. Utilizamos aqui um inquérito por questionário para ser aplicado aos proprietários e inquilinos de um grande conjunto habitacional funcionando como condomínio, localizado ao norte de Paris. A amostra (n = 130) foi selecionada aleatoriamente, os apartamentos foram estratificados por tipo de edifícios e de apartamentos (F2, F3, F4 e F5) e por estatuto de ocupação (proprietários, inquilinos). Contamos ainda com uma série de pesquisas (estudo estatístico e demográfico da população por meio da análise do censo demográfico de um determinado número de grupos selecionados aleatoriamente, inquérito por entrevistas aplicado aos habitantes, inquérito sobre a delinquência juvenil) realizadas em uma cidade do subúrbio parisiense que abriga um grande conjunto onde a parcela formada por habitações de baixa renda (HLM) é muito grande. Salvo indicação contrária, são os resultados deste último inquérito que apresentamos aqui.

ou não de sociologia, como a ambição, a emulação ou a sociabilidade, derivem da forma composta pelas oposições e pelas divisões sociais, quando elas são sobredeterminadas pelas condições de constituição dessa população e pelas especificidades da sua composição.⁸ De fato, os grandes conjuntos têm a especificidade de promover a coabitação de categorias que, normalmente, só se aproximam nas estatísticas.

Uma população preconcebida

A composição social dos municípios suburbanos de desenvolvimento recente deve muitas das suas características às condições de desenvolvimento da construção e da política de habitação. As divisões sociais se apresentam sob uma nova forma, e as diferenças de um bairro para o outro, e especialmente dentro do mesmo bairro, tornam-se mais agudas.⁹ A construção de conjuntos de moradia semelhantes com alvo em uma clientela relativamente homogênea leva à justaposição de bairros claramente diferenciados, diferenciação que depende do tipo e do custo da construção e depois, em grande parte, da data de construção. A imagem catastrófica do grande conjunto habitacional deve algo a essas condições: esse complexo, com uma forte porcentagem de população trabalhadora, é de fato vizinho de um bairro de “*pavillons*” (casas individuais) construídos por volta de 1930, e ocupados principalmente por indivíduos de classe média, na maioria aposentados (68 % com idades entre 41 anos ou

⁸ Mostrando o que as relações entre os grupos têm a ver com as condições morfológicas nas quais elas ocorrem (composição diferencial dos grupos, localização etc.) tem-se a chance de escapar do mergulho na *psico-sociologia* que, habitualmente, sucede logo após a constatação demográfica (cf. M. HALBWACHS. *Morphologie sociale*. Paris: A. Colin, 1938, p. 198).

⁹ Para chegar o mais perto possível dos grupos reais de interação, a amostra (n = 1244 famílias) não foi constituída selecionando famílias aleatoriamente, ou unidades de habitação, os “*ilots*” na terminologia do *Institut National de la Statistique et des Etudes Economiques* (INSEE). Esses “*ilots*” foram selecionados aleatoriamente dentro das categorias (selecionando vários “*ilots*” em cada categoria) definidas simultaneamente por área geográfica, tipo de habitação que abrigam e data de construção destas habitações (essas três características, especialmente as duas últimas, estão altamente relacionadas). Foram distinguidas seis categorias, as casas antigas do Centro, os pequenos “*pavillons*” (pequenas casas situadas na periferia) construídos entre 1900 e 1939, os “*pavillons*” construídos a partir de 1945, um bairro residencial, edifícios de apartamento (condomínios) e o grande conjunto habitacional. A investigação dos resultados dos censos demográficos (1954 e 1962) permitiu definir essas categorias. A representatividade da amostra (amostra a 1/10) foi testada, na ausência dos resultados do censo de 1968, com referência aos resultados de 1962: em 1962, a população de todas esses “*ilots*” era representativa, em relação à categoria sócio-profissional, de toda a população do município.

mais, contra 50 % com menos de 40 anos dentre os chefes de família do grande conjunto).¹⁰ Algumas das percepções muito desfavoráveis ao grande conjunto não se explicariam pela vizinhança de populações muito diferentes, que se opõem pelos seus valores e seu estilo de vida?

COMPOSIÇÃO SOCIOPROFISSIONAL DE DIFERENTES BAIRROS *

	Grande conjunto habitacional	Casas perto do grande centro	Edifícios de apartamento (condomínios)	Bairro residencial
Trabalhadores e operários	56,5	28,5	21	3,5
Classe média	39	59,5	56,5	43,5
Classe alta	4,5	12,5	23	55

* As percentagens tendo sido arredondadas, o total nem sempre é igual a 100.

Apesar de se opor nitidamente aos bairros vizinhos, o grande conjunto não é no entanto uma unidade homogênea, como poderia ser um bairro tradicional. A separação ecológica de categorias sociais diferentes é observada na maior parte dos bairros do município estudado: a estrutura social de bairros bem delimitados mostra na maioria das vezes um grupo social dominante que, compondo cerca da metade da população do bairro, “dá o tom” e define o estilo das relações que prevalecem no bairro, ou seja, impõe suas normas à comunidade.¹¹ No caso do grande conjunto habitacional, ao contrário, nenhum grupo social é majoritário: aqui a diferença entre a categoria modal e as outras categorias é muito menor do que nos outros bairros. A categoria

¹⁰ Da mesma forma G. VINCENT observa que, em uma “*cit *”, os grupos de moradia (definidas pelo tipo e data de constru o; habita es baratas antigas (HBM); HBM mais recentes; habita es de baixa renda (HLM) de qualidade particularmente básica; “*villas*”), são claramente distinguidos pela composi o social da sua popula o. « Espace social et structures urbaines », sob a dire o de G. VINCENT, em *Sociologie et Urbanisme*, Association Universitaire de Recherche G ographique et Cartographique, septembre 1967, pp. 61-122, p. 81.

¹¹ Vários fen menos podem contribuir para escondê-lo. Por um lado, as divisões estatísticas podem não coincidir com as unidades reais de habita o, ou podem reagrupar várias áreas diferentes entre si, embora cada uma apresente uma popula o homogênea. Por outro lado, a diversidade estatística das categorias representadas pode abranger uma grande variedade de níveis de heterogeneidade social, dependendo se os grupos representados por essas categorias são mais ou menos próximos da m dia. A homogeneidade social dos bairros acima descritos fica mais nítida quando categorias sociais mais finas são utilizadas: no bairro de “*pavillons*” perto do grande conjunto habitacional, o grupo dominante pertence   faixa superior das classes médias (48% de todos os chefes de f milia são gerentes de nível médio e pequenos comerciantes); o mesmo acontece no bairro residencial, 55% dos chefes de f milia são gerentes de nível superior ou profissionais liberais.

mais numerosa (os trabalhadores qualificados)¹² constitui apenas um terço do total da população (38% de todos os chefes de família), e não tem peso suficiente para constituir um grupo dominante. Essas condições morfológicas aumentam a heterogeneidade da população: a diversidade estatística das diferentes categorias é intensificada pela diversidade que resulta da falta de um grupo dominante, cujas normas, reconhecidas mesmo quando violadas, tendem a definir uma legitimidade para todos os habitantes do bairro – efeito de dominação que não pode ser reduzido a um efeito de volume.¹³

Além disso, as diferentes categorias sociais estão representadas na população do grande conjunto por “amostras” particulares constituídas por regras diferentes em cada caso, e não somente porque as novas moradias atraem mais os casais e, em média, uma população mais jovem.¹⁴ A análise deve levar em conta os tipos de organismo e de canal através dos quais a população acessa esses grandes conjuntos, condições administrativas aparentemente secundárias mas determinantes de fato na formação da população.¹⁵ Alguns conjuntos novos podem ter só o nome em comum, se eles diferenciam-se nos processos pelos quais os seus habitantes são selecionados (situação da ocupação, propriedade ou aluguel, organismo oficial que atribui as moradias e critérios de atribuição). As diferentes organizações que asseguram a atribuição das moradias numa

¹² Veremos mais à frente as razões que levam a considerar os trabalhadores qualificados separadamente, sem agrupá-los com os trabalhadores especializados e com os operários em uma única categoria de trabalhadores.

¹³ Cf. A. H. HAWLEY, *op. cit.*

¹⁴ Este primeiro tipo de seleção é destacado por P. CLERC: a porcentagem de casais entre aqueles com menos de 45 anos é de 87 % a 94 % na amostra da população de grandes conjuntos habitacionais por ele estudada (contra 82 % para a França) e, para aqueles de 45 a 64 anos, os casais representam de 70 a 84 % (contra 71 % na França) (P. CLERC, *op. cit.*, p. 134). Da mesma forma, a porcentagem daqueles de 0-19 anos é de 48 % contra 33,9 % para a França, aqueles de 20-64 anos representam 48 % contra 54,2 % para a França, e aqueles com 65 anos e mais representam 4 %, contra 11,9 % para a França (P. CLERC, *op. cit.*, p. 131). Mais de três quartos dos chefes de família (77 %) dos grandes conjuntos estudados por P. Clerc têm menos de 45 anos, contra 37 % para a França (P. CLERC, *op. cit.*, p. 134).

¹⁵ O mecanismo de constituição da população é portanto diferente do mecanismo econômico pelo qual os estudos ecológicos explicam comumente a distribuição espacial das diferentes categorias sociais numa cidade, o preço do aluguel leva à homogeneização social da população nas diferentes áreas (“O aluguel atuando através da renda, tem um papel muito importante na distribuição e segregação das unidades familiares.” A. H. HAWLEY, *op. cit.*, p. 282).

mesma “*cit *”¹⁶ reúnem, cada uma, uma clientela diferente. A estrutura sócio-profissional dos habitantes varia de acordo com o tipo de organismo de gestão. Assim, o público dos serviços prestados para o HLM (*Habitation   Loyer Mod r *) da aglomera o parisiense conta com 46 % de trabalhadores, 26 % de funcionários e 22 % de gerentes de nível médio e gerentes de nível alto, porém a clientela da *Société centrale immobili re de la caisse des d p ts* (SCIC)   composta por 23 % de trabalhadores, 31 % de funcionários, e 46 % de gerentes de nível médio e alto.¹⁷ Dentro mesmo dos HLM existem diferentes canais de acesso que refletem a diversidade das partes interessadas, presta es familiares, empresas de crédito, município, etc., de modo que o setor “social” convive com muitos outros.¹⁸ A característica comum dessas organiza es   que elas fazem uma sele o que não opera de acordo com as leis do mercado: enquanto os apartamentos alugados de acordo com os mecanismos normais do mercado atraem uma clientela relativamente homogênea pelo fato de atender às mesmas condi es econ micas e que, na maioria das vezes,   recrutada numa área (social e geográfica) bastante definida, as organiza es que distribuem os edifícios recrutam os ocupantes em diferentes áreas e de acordo com diferentes regras. Por exemplo, os apartamentos atribuídos pelas  g ncias responsáveis em gerenciar os subsídios de famílias d o preferência aos inadequadamente alojados, às grandes famílias, às famílias ameaçadas de despejo, em suma, às famílias que compõem a camada mais inferior da classe trabalhadora, que representam

¹⁶ Quando perguntados sobre “como encontraram sua habita o”, os habitantes dos grandes conjuntos habitacionais citam principalmente o empregador (32 %), a prefeitura e os serviços administrativos (35 %), a empresa de constru o civil (23 %) (P. CLERC, *op. cit.*, p. 234). Dos 53 conjuntos observados na amostra de P. Clerc, apenas 18 são geridos por uma única organiza o, os outros sendo geridos por várias empresas diferentes como o grande conjunto estudado aqui (*op. cit.*, p. 77).

¹⁷ P. CLERC, *op. cit.*, p. 157. Da mesma forma em Sarcelles, J. DUQUESNE nota que grupos de habita o de tipo diferente construídos em datas diferentes atraem categorias de habitantes diferentes (*Vivre   Sarcelles*, Paris, Cujas, 1966, p. 93-94).

¹⁸ Para uma análise da lógica subjacente   política de atribui o de habita o HLM, ver G. MALIGNAC (“Le logement des faibles :  vincement progressif et formation d’un sous-prol tariat”, *Population*, 12 (2), abril-juin 1957, p. 237-259), que mostra como a introdu o de considera es econ micas e a preocupa o com a autonomia das organiza es de HLM levou a dar um espaço cada vez maior a categorias outras do que as mais desfavorecidas. A análise apresentada vale sobretudo para os edifícios HLM, cuja clientela   mais popular e onde a diversidade social   maior.

grande parte dos “casos sociais”.¹⁹ Pelo contrário, os apartamentos obtidos a título da contribuição do empregador para a construção (o 1% do empregador) são concedidos à gerentes ou funcionários ou, muitas vezes, à trabalhadores que apresentam certa estabilidade na empresa, um emprego seguro, alto nível de qualificação, ou seja, indivíduos que compõem a camada mais alta da classe trabalhadora. Assim se explica principalmente a diferença entre o tamanho médio das famílias de operários e o das famílias de outras categorias.²⁰ O jogo combinado por razões humanitárias – que dão prioridade às famílias mais desfavorecidas para os apartamentos concedidos pelo serviço que gerencia os subsídios de família –, e por regras econômicas – que exigem a garantia que o aluguel não seja muito oneroso em relação aos recursos das famílias²¹ – oferece muito mais oportunidades de obtenção de um apartamento às grandes famílias de camadas desfavorecidas que, graças em parte aos subsídios de família e ao subsídio de alojamento, têm relativamente mais recursos do que as outras famílias na mesma categoria. Enquanto o número médio de filhos por família é mais elevado nos grandes conjuntos de apartamentos do que no resto da cidade, isso para todas as categorias sociais salvo as classes altas (o nível de recursos destas últimas minimiza a importância dos subsídios de família no valor total do orçamento e, portanto, neutraliza as diferenças que o número de filhos determina em relação às categorias com rendimentos mais baixos), devemos contudo notar que a diferença é muito maior no caso dos operários e dos funcionários: a diferença entre o número médio de filhos por família no município e no grande conjunto habitacional passa de 0,53 para os gerentes de nível médio e artesãos comerciantes, a 1,51 para os funcionários, 1,01 para os trabalhadores qualificados, 1,26 para os trabalhadores especializados, e 2,31 para os operários.

A essas diferenças diretamente relacionadas com os princípios que ditam a “seleção” dos ocupantes, juntam-se diferenças acidentais, produzidas

¹⁹ Ainda que uma fração importante dessas famílias não tenha nenhuma chance, devido à baixíssima renda, de conseguir um apartamento em HLM.

²⁰ O número médio de filhos é de 3,77 para os operários, 3,06 para os trabalhadores especializados, 3,03 para os trabalhadores qualificados, 3,05 para os funcionários, 2,20 para os gerentes de nível médio e os artesões-comerciantes, e 2,45 para os executivos e profissionais liberais.

²¹ Esse cálculo econômico foi se generalizando na prática das organizações responsáveis pela atribuição de apartamentos. Cf. G. MALIGNAC, *loc. cit.*

seguindo os mesmos mecanismos, e que qualificam e aumentam as diferenças ligadas ao pertencimento à categorias sociais diferentes: assim os trabalhadores qualificados, muitos dos quais acessam à propriedade no grande conjunto através do seu empregador, distinguem-se da sua categoria de origem por um nível de qualificação maior, ao contrário dos funcionários, que são mais desfavorecidos do que a média de sua categoria de origem.²² Em comparação com os trabalhadores e os gerentes de nível médio, respectivamente, os operários e funcionários, categorias imediatamente inferiores, aparecem na maior parte em “fim de carreira urbanística”: mais velhos, eles mudaram mais frequentemente de residência. De fato, mais da metade dos operários (52, 5%) e um terço dos funcionários (34%) estão com idade entre 51 anos ou mais, enquanto mais de três quartos dos trabalhadores especializados e qualificados (80%), dos gerentes de nível médio (83%) e dos membros das classes altas (84%) ainda não atingiram os 51 anos. Os trabalhadores qualificados e os gerentes de nível médio são mais jovens e mais instruídos, têm um nível de vida mais alto do que os operários e trabalhadores especializados, e do que os funcionários respectivamente.²³ Para eles, o grande conjunto habitacional representa uma etapa provisória ao longo de uma trajetória ascendente, e muitas vezes uma etapa anterior à compra de um apartamento, no fim ou no meio da carreira profissional.²⁴ Pelo contrário, para os operários e

²² Por categoria de idade equivalente (40 anos e menos), observamos que 41% dos trabalhadores qualificados (chefes de família) que residem no grande conjunto têm um diploma equivalente ou superior ao certificado de aptidão profissional (CAP) contra 30,5% daqueles que residem no resto da cidade; por outro lado, 25,5% dos funcionários (chefes de família) do grande conjunto têm um diploma equivalente ou superior ao CAP contra 41% daqueles que moram no resto da cidade. Entre os funcionários, há uma alta porcentagem do pessoal que é subordinado da administração municipal e dos hospitais (pessoal de serviço, reparadores, cuidadores).

²³ Entre os chefes de família, a porcentagem dos que têm pelo menos o CAP é de 6% entre os operários, 5% entre os trabalhadores especializados, 19% entre os funcionários, 34% entre os trabalhadores qualificados, 65,5% entre os gerentes de nível médio e artesãos comerciantes, e 100% entre os gerentes de nível superior e profissionais liberais.

²⁴ As características dos ocupantes de uma “*cité*” funcionando em forma de condomínio no município confirmam que esta é a trajetória mais provável. A distribuição sócio-profissional dos chefes de família é a seguinte: 1 % de operários e trabalhadores especializados, 17,5 % de trabalhadores qualificados, 13 % de funcionários, 42,5 % de gerentes de nível médio e artesãos comerciantes, e 26 % dos gerentes de nível superior; os proprietários deste conjunto são em média mais velhos do que os inquilinos do grande conjunto (42,5 % têm entre 41 e 50 anos); o nível de qualificação também é mais elevado: 48 % dos funcionários têm um grau igual ou superior ao CAP, e 78,5 % no caso dos gerentes de nível médio e artesãos comerciantes. As diferenças entre proprietários de imóvel dessa “*cité*” e os inquilinos do grande conjunto são fortemente marcadas na categoria dos funcionários e mais fracas, especialmente ao nível da idade, nas categorias dos

os funcionários, na sua maioria bastante velhos e muito pouco qualificados, o grande conjunto é o ponto final e mais dificilmente do que as outras categorias eles poderão ser capazes de acessar a propriedade através de uma residência de tipo superior ao HLM: de fato, as razões econômicas em conjunto com as demográficas (cuja eficácia é tão forte que elas inspiram diretamente as regras de atribuição das habitações) tornam impossível às categorias mais desfavorecidas o acesso aos HLM até uma certa idade (isto é, antes de atingir um certo nível de recursos financeiros), e até que a família tenha atingido determinado número de integrantes (ou seja, são direitos específicos para este tipo de habitação, assim como um nível de recursos financeiros mais seguro graças aos subsídios de família).²⁵ Cada categoria encontra-se, portanto, comparativamente à categoria inferior, a um ponto diferente da sua trajetória e caracteriza-se não apenas por uma situação social superior, mas ainda por possibilidades de mobilidade (geográfica e social) muito maiores.²⁶ No interior de uma mesma classe social, o “destino” social cria subcategorias fortemente opostas, e a coexistência no espaço expressa o encontro momentâneo de trajetórias sociais muito diferentes, que a sociologia espontânea tende a confundir.²⁷ É a extrema heterogeneidade

gerentes de nível médio e trabalhadores qualificados, categorias que surgiram como sendo favorecidas entre os habitantes do grande conjunto: o nível de qualificação (obtenção do CAP) é idêntico entre os trabalhadores qualificados, a única diferença aparecendo na obtenção do certificado de ensino primário (58 % para os proprietários, 36 % para os inquilinos).

²⁵ Pelo fato de ser menos acentuada do que as outras categorias e por apresentar menor tempo de carreira, o aumento da renda média em progressão com a idade é também observada entre os trabalhadores: a renda individual global média é de 5189 francos dos 21 aos 35 anos, e de 7030 francos dos 31 aos 40 anos. (Fonte: J. P. RUAULT, “Les revenus des ménages en 1962”, *Etudes et Conjoncture* (12), dez. 1965, p. 69). No entanto o que aumenta, sobretudo com a idade, é a probabilidade de ter filhos e assim beneficiar-se de subsídios familiares mais importantes e, em seguida, da possibilidade de ter filhos trabalhando, portanto rendas adicionais que vêm juntar-se ao salário do chefe da família.

²⁶ Podemos interpretar como um efeito dos mesmos mecanismos o fato de que os operários e funcionários se distinguem das outras categorias por uma taxa de famílias “anômicas” (divorciados, viúvos, em concubinato) mais alta (28% e 24% respectivamente, contra 14% para o total), e por uma maior porcentagem de famílias nas quais os dois cônjuges vêm de cidades pequenas (40% para os operários e 30,5% para os funcionários, contra 19,5% para o total). Estas características acentuam a distância social que distingue essas categorias das outras. Elas podem contribuir para aumentar o caráter *marginal* destas categorias, assim como sua dificuldade de adaptação ao contexto urbano e a precariedade da sua situação econômica: um dos efeitos mais importantes da “anomia” na família de classes populares não seria, além das consequências emocionais sobre o ambiente familiar, o de tornar a situação econômica mais incerta?

²⁷ Encontraríamos muitos exemplos disto nas reflexões sobre os momentos iniciais da vida e o período de instalação das famílias jovens, onde a ênfase sobre a similaridade momentânea dos problemas esconde o fato que os caminhos em breve divergirão, a carreira dos gerentes de nível médio, por exemplo, os levam mais rapidamente a uma renda maior do que a dos trabalhadores.

dos subgrupos, produzidos pelos mecanismos de seleção, que caracteriza especificamente a população dos grandes conjuntos habitacionais, mais do que o volume da população, ou a aproximação súbita de pessoas de origens diversas – fenômenos que devem sua eficácia à condição fundamental que acabamos de analisar, e dos quais devemos extrair todas as consequências.

Sociabilidade e coexistência de classes

As características da população dos grandes conjuntos habitacionais que devem-se aos processos que a constituíram não seriam mais importantes para o entendimento das formas assumidas pela interação social e da fraca integração, do que as disposições da sociabilidade ou a sensibilidade ao contexto de existência? Não seria um risco, ao não ligar certos fenômenos à sua verdadeira origem – a composição da população –, de autonomizá-los e exagerá-los, até torná-los *curiosa* da etiologia e da sociografia dos grandes conjuntos, ou ainda sinais anunciadores de mutações mal definidas? É demasiado consentir aos pressupostos voluntaristas e idealistas, do que tratar as intenções de partida e mudança e o tempo médio de permanência como expressão do “gosto” ou “desgosto” pelo grande conjunto sem considerar as desigualdades de oportunidade no acesso a outro tipo de moradia e, conseqüentemente, o prazo variável para concretizar essas oportunidades. O “apego” que os moradores têm pelos seus edifícios é ligado ao que eles gostam na sua moradia ou ao que eles têm apego nesta moradia de morar lá, ou que eles são “apegados”?²⁸ As declarações desfavoráveis são ainda

²⁸ “Na medida em que a instabilidade é um sinal objetivo de desapego, se não de repulsão, não podemos dizer que os grandes conjuntos de Toulouse têm para seus habitantes um efeito repulsivo mais intenso do que outros tipos de moradia.” A crítica dos erros que atribuiriam somente às condições físicas de alojamento uma importância indevida (“O efeito [do tipo de moradia sobre as relações de vizinhança] parece muito menos importante do que o efeito do tempo de instalação”), não seria marcada pelo pressuposto da total liberdade de escolha? O tempo de instalação não depende apenas da data de construção dos edifícios, mas do tempo médio de residência dos diferentes grupos, conforme suas oportunidades de acesso a outros tipos de moradia. Depende portanto, em última análise, da composição social da população, e não do “clima” das relações sociais. (R. LEDRUT, *L'espace social de la ville*, Paris, Anthropos, 1968, p. 60, 187).

mais frequentes a medida em que se sobe na hierarquia social.²⁹ Mas seria um erro considerá-las como expressão direta de atitudes profundas no que se refere à coexistência e à aproximação das classes, e querer assim deduzir diretamente as normas de sociabilidade e de conforto específicas a cada classe, opondo por exemplo as classes altas, hostis à coexistência, às classes populares, favoráveis à troca e à comunidade, ou ainda, opor grupos com fortes exigências em relação às condições de habitação à grupos que, por falta de ambição ou ignorância, satisfariam-se com menos.

Para entender as variações de opiniões sobre o grande conjunto habitacional, é preciso levar em conta as limitações objetivas que, para cada grupo, definem o possível e o impossível em termos de habitação.³⁰ A significação do habitat e das proximidades espaciais que ele impõe depende da trajetória na qual ele se inscreve para cada grupo: passagem momentânea, em uma trajetória que deve levar a outras condições de residência, ou situação durável com a qual, por mais crítica que seja, há que contentar-se, ou mesmo satisfazer-se, tendo em vista aquilo que ela permite escapar. Em suma, paradoxalmente, a atitude em relação ao grande conjunto habitacional é baseada na probabilidade de deixá-lo, portanto, no grau

²⁹ No inquérito sobre o grande conjunto funcionando como condomínio, 21,5 % dos trabalhadores são desfavoráveis, contra 26,5 % dos funcionários, 33,5 % dos gerentes de nível médio, e 66,5 % dos gerentes de nível superior e profissionais liberais. Da mesma forma, de acordo com o nível de escolaridade, 16,5 % dos titulares do certificado de ensino primário são desfavoráveis, contra 28 % dos titulares do certificado de estudos de graduação ou de um certificado de aptidão profissional, e 57 % dos titulares do bacharelado ou de um diploma superior. Se os resultados obtidos por P. Clerc vão na mesma direção (36 a 37 % dos gerentes de nível médio ou superior e dos profissionais liberais condenam a construção de grandes conjuntos, contra 29 % nas outras categorias) mas não são tão claros, é porque a questão colocada, por ser muito geral, investigava mais uma posição geral sobre o urbanismo, do que a própria experiência dos indivíduos. Quando a questão incita uma opinião geral sobre as questões de moradia, as reservas sobre as condições específicas de habitação tendem a desaparecer.

³⁰ Podemos ter sobre isso uma idéia aproximativa, sem sermos capazes de dominar com precisão as variações, muito fortes de uma classe para outra, a partir de um inquérito de 1963: “Aproximadamente um quarto das famílias recém-casadas não dispõem no mesmo ano do seu casamento de uma moradia independente (ou até mesmo um quarto de hotel ou um alojamento mobiliado)... 15 % das famílias casadas antes de 1954 e que se instalaram entre 1961 e 1963 não tinham, em 1960, uma moradia ordinária: viviam em um hotel ou em alojamento mobiliado, ou compartilhavam uma habitação com outras pessoas.” A distribuição dos tipos de residência ocupados durante a primeira instalação mostra a raridade, daí o preço, da habitação nova, especialmente em aluguel – categoria que inclui os apartamentos em HLM: entre as famílias que se instalam pela primeira vez em 1963, “70 % estão em alojamentos antigos com 33 % em aluguel de apartamentos vazios, 21 % em apartamento mobiliado ou hotel), 20 % adquirem uma habitação” (INSEE – CREDOC, Aspects du logement en France en 1963, *Extrait du Bulletin Statistique du Ministère de la Construction*, s. d., p. 25, 26).

de liberdade em relação às restrições que definem as condições de moradia.³¹ É preciso muita ingenuidade, na interpretação das respostas à perguntas gerais sobre os grandes conjuntos, para não levar em conta todas as restrições que regem o acesso à moradia, principalmente para as classes populares. Quando o sociólogo faz a pergunta em termos de gosto, quando ele acredita explorar os mistérios da sociabilidade – uma qualidade que não é dormitiva e sim associativa –, os sujeitos das classes populares respondem de forma embaraçada: “o que importa é estar alojado” (polidor); “há tantas pessoas que moram mal” (mulher de carpinteiro-encanador);³² “eu sou a favor do grande conjunto habitacional na medida em que ele pode acomodar as pessoas que estão morando mal” (funcionária). Eles apreciam os grandes conjuntos como uma solução para a crise da habitação cujos efeitos, muitas vezes, eles próprios terão experimentado: “admirada, eu nem acredito nisso, depois de viver em barracos, é ótimo” (mulher de companheiro-pedreiro).³³ E eles não retomam nenhum dos estereótipos hostis difundidos pela imprensa e frequentemente encontrados no discurso dos indivíduos de classe média ou alta: “Para mim não me choca todas essas pessoas, nunca pensei que poderia ser uma gaiola de coelho ou de galinhas como dizem” (trabalhador qualificado, proprietário); “Para mim, um grande conjunto é um quartel, um lugar sinistro, um dormitório” (gerente de nível médio, proprietário).

Da mesma forma que as opiniões sobre o grande conjunto habitacional só têm sentido em relação ao sistema de restrições – variável de uma classe para a outra – que determinam o acesso à moradia, as condutas de sociabilidade não podem ser compreendidas sem se fazer referência à heterogeneidade da população e às diferentes formas pelas quais os diferentes grupos podem, dadas a normas de

³¹ Entre os habitantes do conjunto funcionando como condomínio, o desejo de partir passa respectivamente de 53 % para os trabalhadores a 56,5 % para os funcionários, 62 % para os gerentes de nível médio, e 80 % para os gerentes de nível superior e profissionais liberais. Segundo o estudo de P. Clerc, 49 % dos gerentes de nível superior, 44 % dos gerentes de nível médio, 31 % dos funcionários e 32 % dos trabalhadores pensam que não morarão por muito tempo na residência que ocupam. (P. CLERC, *op. cit.*, p. 362). P. Clerc também observa que “são as famílias de alta renda que mais consideram a partida” (p. 283).

³² Citado por P. CLERC, *op. cit.*, p. 377-378.

³³ Citado por P. CLERC, *op. cit.*, p. 346; 82 % dos habitantes de grandes conjuntos habitacionais sentem-se melhor alojados do que em suas antigas moradias, a principal melhoria sendo o conforto. No conjunto funcionando como condomínio, não é raro encontrar entre os trabalhadores e os funcionários, famílias que viviam anteriormente em um alojamento mobiliado ou em um único quarto (28 % dos trabalhadores e 13 % dos funcionários).

sociabilidade específicas à sua classe, responder a esta situação. Poderia-se pensar, a partir da leitura de alguns estudos, que as condutas de sociabilidade não implicam nada além de uma disposição particular para a troca e que, eflorescências da vida social, as relações que elas apresentam com a situação social são muito soltas, de modo que a sociologia poderia limitar-se aqui ao estudo de um *homo loquens* definido pela capacidade de falar e de se relacionar com os seus vizinhos. Muito pelo contrário, basta questionar e analisar esses comportamentos renunciando às boas intenções da animação e às ilusões da troca social intensa e generalizada, para observar que as condutas de sociabilidade mais triviais envolvem toda e qualquer posição social e relação com os outros grupos sociais. Seria possível compreender o aparente paradoxo definido pela ideia de que os membros dos grupos mais favorecidos (que mais frequentemente do que os outros afirmam a falta de solidariedade entre moradores) são os mais propensos a integrarem-se numa rede de troca de favores, enquanto os trabalhadores e funcionários tecem mais raramente este tipo de relacionamento, sem considerar o fato que, para estes últimos, a troca de favores é muito mais do que uma convenção de conveniência entre vizinhos e pressupõe uma profunda solidariedade com base na cumplicidade, na identidade de condição e no interconhecimento?³⁴ Nas camadas superiores das classes médias, as “relações sociais” são uma atividade específica e limitada que é muitas vezes conduzida como um empreendimento sistemático (chamado “fazer”, ou “manter” relações). Assim, a nova situação não os pegou de surpresa.³⁵ Por outro lado, entre os trabalhadores as relações são, como um laço de “comunidade”, mais “totais” e baseadas numa forte solidariedade: assegurando uma proteção contra o mundo

³⁴ No grande conjunto funcionando como condomínio, 57 % dos gerentes de nível superior e de nível médio declaram que na “*citê*” é “cada um por si”, contra 37,5 % dos trabalhadores e funcionários; 54,5 % dos trabalhadores e funcionários formam uma rede de troca recíproca de favores, contra 81,5 % dos membros das classes média e alta.

³⁵ R. LEDRUT observa que “as relações de frequência com os vizinhos são... mais desenvolvidas para os gerentes de nível alto do que para os outros grupos” (*op. cit.*, p. 187). O trabalho de “exploração social”, no qual os interlocutores tentam situar-se, revelando gradualmente a sua situação e expondo suas “morais” na discussão dos seus pontos de vista sobre diversos temas discriminantes, é descrito por H. J. Gans no caso de uma “*citê*” residencial recente: “as pessoas estavam dizendo de onde elas vinham, o que faziam, e depois falavam: as mulheres de como educar as crianças, de organizar a casa; os homens do gramado, dos carros e do trabalho. Cada tema aproximava os interlocutores ou os afastava, indicando onde se situavam as diferenças e quais eram os tabus” (*The Levittowners, anatomy of suburbia: the birth of society and politics in a new American town*, London, Allen Lane, The Penguin Press, 1967, p. 46).

exterior, elas se complementam com um sistema de ajuda mútua que não se reduz a uma troca racionalizada com base em um cálculo econômico.³⁶ Como resultado dessas diferenças, as declarações formalmente idênticas podem ter um sentido muito diferente e as respostas às perguntas sobre o interconhecimento e a troca de favores não são necessariamente, como os analistas gostam de acreditar, sinal de profunda integração.³⁷ Da mesma forma, é pela fragilidade do interconhecimento, ligada à heterogeneidade dos grupos sociais, e não pelas particularidades da disposição em se comunicar, que a relação de vizinhança deve ser explicada. A vizinhança faz lembrar com quem o grande conjunto obriga a coabitar. Se ele não é mais uma área de relações privilegiadas,³⁸ se ele desaparece como espaço qualificado e socialmente marcado transmitindo a oposição do mundo exterior e do mundo da família,³⁹ é porque a condição essencial para a existência de relações de vizinhança, e de uma “vizinhança”, é a homogeneidade social da população. As relações são regidas pelo princípio de livre escolha que ignora separações geográficas; elas podem até situar-se fora dos limites da vizinhança ou do bairro, o que é uma forma de atestar que a escolha é “livre”, isto é, que não é limitada ao meio ao qual se pertence: “A melhor coisa é sair de casa e gastar o tempo livre em outro lugar, é mais simpático conhecer várias senhoras de fora, pois com a vizinhança, a gente sempre termina ficando preso por coisas da casa” (mulher de trabalhador em fresagem).⁴⁰

³⁶ Cf. M. YOUNG e P. WILLMOTT, *Family and kinship in East London*, Harmondsworth, Penguin Books, 1964 (Nova ed.), (1ª ed., London, Routledge and Kegan Paul, 1957); E.A. WEINSTEIN, “The social debt: an investigation of lower class and middle class norms of social obligation”, *American Sociological Review*, 27, 1962, p. 532-539; e H. COING, *Rénovation urbaine et changement social*, Editions Ouvrières, Paris, 1966.

³⁷ Se 75 % dos habitantes dizem fazer parte de uma rede de troca de favores, apenas 31 % das famílias com crianças pequenas aceitam deixar seus filhos aos cuidados de vizinhos; enquanto 70 % dizem que conhecem seus vizinhos, apenas 23 % os convidam para suas casas, dos quais 5 % porque já os conheciam anteriormente. (E. LEDRUT, *op. cit.*, p. 62-78).

³⁸ No grande conjunto funcionando como condomínio, a maioria dos amigos que frequentam as residências de habitantes moram fora da “*cité*”, seja na própria cidade (24 % para as classes populares e 10 % para os gerentes de nível médio e alto), seja principalmente fora da cidade (48,5 % para as classes populares e 63,5 % para os gerentes de nível médio e alto).

³⁹ “É orgulhoso aqui... você não vê as pessoas saírem de blusa, sempre têm que andar vestido, com chapéu para sair. Onde eu estava antes, quando eu ia ao padeiro, era correndo, de blusa, aqui nunca!” (mulher de trabalhador especializado, 35 anos).

⁴⁰ É realmente difícil observar aqui um aprofundamento e uma transformação da sociabilidade: “... as relações de vizinhança se estendem; elas não são determinadas apenas pela proximidade: as relações pessoais se tornam de fato seletivas e mais profundas” (P. H. CHOMBART DE LAUWE, *Famille et habitation*, Paris, I, 1959, p. 111). E a seletividade, social e não afetiva, a principal característica dessas relações.

Os pressupostos voluntaristas e a ênfase exclusiva na sociabilidade, que caracterizam muitos escritos sociológicos sobre as novas condições de moradia, poderiam ser explicadas por uma intenção utópica? Se reunirmos e sistematizarmos características que, em cada estudo individual, são escondidos por afirmações opostas conforme a prática do discurso alternativo ou por descrições aparentemente sociológicas, podemos constatar que o princípio de todas essas análises é de afirmar o surgimento de uma sociedade nova, onde as divisões de classe desaparecem.⁴¹ Assim, entre muitos outros exemplos possíveis, alguns exemplos dessas teses: “a presença nas mesmas unidades de habitação de categorias sociais muito diferentes é um marco na história da civilização industrial... nos laboratórios improvisados que são as novas “*cités*”, estão se formando, sob pressões conflitantes, as estruturas sociais do futuro”;⁴² “nesses grandes conjuntos habitacionais, mais do que em outros lugares, está se desenvolvendo a nova cultura, a cultura de massa. Os grandes conjuntos fornecem o cenário e as condições perfeitamente adaptados para o florescimento dessa cultura. No grande conjunto chega-se sem passado, sem uma história outra do que a idealizada, vive-se individualmente, de forma excessivamente privada... é a gênese de uma outra sociedade.”⁴³ Podemos distinguir duas formas desta utopia. A primeira, caracterizada pela sua boa vontade social e o otimismo, afirma a difusão milagrosa das necessidades e das ambições, supostamente universais, à condição pequeno-burguesa: “Os habitantes da cidade, ao modificarem detalhes da sua vida, tendem ao mesmo tempo a mudar de posição social. O fato de viver em “*cités*” faz com que algumas famílias procurem uma posição social mais alta; outras, pelo contrário, para não se destacarem muito, simplificam a sua forma de vida. As diferenças (...) e as oposições que persistem ou até se fortalecem nas novas “*cités*” poderiam diminuir ou desaparecer se essas possibilidades de mobilidade

⁴¹ Essa seleção poderá parecer pouca respeitosa da diversidade de cada trabalho, e pouca preocupada em restaurar sua consistência. A questão ideológica apresentada aqui, que encontramos em formas e atenuações diversas na maioria das análises, é o princípio que dá unidade a esse campo de reflexão, e permanece idêntico em todas as variações individuais e circunstanciais.

⁴² P. H. CHOMBART DE LAUWE, *Des hommes et des villes*, Paris, Payot, 1965, p. 123.

⁴³ R. KAËS, *Vivre dans les grands ensembles*, Paris, Editions Ouvrières, 1963. p. 307.

social fossem melhor estudadas.⁴⁴ As esperanças depositadas numa espécie de “*social engineering*” que iluminaria milagrosamente, isto é, independentemente das oportunidades objetivas de ascensão, os desejos de mobilidade, baseiam-se em uma convicção mais profunda, aquela da universalidade da ambição à condição média, ambição suficientemente forte para incentivar aqueles que estão acima deste nível a entrar na categoria e em uma mediocridade feliz. Esta utopia de sociólogos – talvez ela expresse uma das “intenções” da política de construção dos grandes conjuntos – é muito próxima do discurso de alguns sujeitos que, confiantes nas melhorias prometidas à classe trabalhadora através do contato e do exemplo das classes médias, vêm nos grandes conjuntos habitacionais o instrumento de uma política civilizatória: “Há famílias que podem aprender a viver melhor através do contato com os outros” (funcionário bancário).⁴⁵ Da mesma forma, o ideal de uma sociedade sem classes é a réplica dos sonhos de alguns indivíduos da classe média: “Este é um edifício operário onde o trabalhador subiu de posição; é um edifício burgês onde a burguesia chegou ao limite e tornou-se consciente do trabalhador; ...essa mistura está acontecendo; há de tudo e ninguém fica chocado... não há mais diferenças claras, fizemos a síntese” (funcionário).⁴⁶ A segunda forma de utopia, mais radical e mais profética, conclui como novidade das “*cités*”, a novidade da população que ali mora, e desta última a novidade das necessidades que surgem nesta população: “(...) A experiência das novas “*cités*” (...) permite compreender as necessidades em seu estado espontâneo, nativo, quase selvagem. Elas não são cobertas ainda por motivações, falsidades, ideologias e justificativas. Eles se expressam.”⁴⁷ Em suma, célula social onde reúnem-se indivíduos de classe média, ou local de uma experiência de retorno às origens, o grande conjunto, escapando da influência da sociedade à volta, permitiria o surgimento do homem novo, seja o pequeno burguês universal, seja o homem eterno liberto das “alienações”, dos “mitos” e dos “condicionamentos”. Estas reflexões

⁴⁴ P. H. CHOMBART DE LAUWE, *Des hommes et des villes*, op. cit., p. 154.

⁴⁵ Citado por P. CLERC, op. cit., p. 199.

⁴⁶ Citado por H. COING, op. cit., p. 202.

⁴⁷ H. LEFEBVRE, « Les Nouveaux ensembles urbains », *Revue Française de Sociologie*, 1 (2), avril-juin 1960, pp. 186-201, p. 198.

supõem que apenas a alteração das condições de moradia e de vizinhança seja susceptível de produzir transformações automáticas e imediatas. Para que o sonho utópico seja possível, é preciso indivíduos cujas necessidades emirjam milagrosamente, espontaneamente ou por contágio: “Partindo de moradias decrépitas e superlotadas, as famílias de baixa renda procuram naturalmente transformar suas vidas quotidianas e também adquirir novos recursos para se instalarem. Seu desejo de alcançar uma qualificação mais alta vai aumentando”; ou ainda: “Tudo parece acontecer como se as más condições de vida e de moradia sufocassem até a vontade de melhorar aquilo que já se possui. *Uma mudança radical, neste caso a transição para um tipo de moradia melhor, faz emergir novos desejos e novos tipos de comportamento.*”⁴⁸ Para pensar desta forma é preciso, como vemos, esquecer que o acesso às novas moradias é diferenciado, que as ambições dependem das possibilidades objetivas, que as condições de habitação e de vizinhança não são suficientes para transformar a posição social e, finalmente, que as mudanças sociais não se limitam à mudanças nas mentes das pessoas. A característica comum das mutações aqui descritas é a promessa de fazer desaparecer com as classes populares, seja a favor da pequena burguesia seja a favor de uma “nova classe trabalhadora”.

⁴⁹ Portanto podemos perguntar se essas análises não permitem resolver a ambivalência da relação que os intelectuais têm com o povo, e que assume formas variadas de acordo com a posição dos diversos sociólogos no campo intelectual e conforme a trajetória social que os conduziram até lá.⁵⁰ Podemos reconhecer na maioria das análises e preocupações sobre o desenvolvimento do urbanismo a repercussão de utopias que nasceram, sobretudo na Inglaterra, como uma reação à rápida industrialização e urbanização, e ao nascimento de um proletariado urbano. Assim a “Cidade Jardim” imaginada por Ebenezer

⁴⁸ P. H. CHOMBART DE LAUWE, *Des hommes et des villes*, op. cit., p. 18, et *Famille et Habitation*, I, op. cit., p. 111 (grifo nosso).

⁴⁹ “A nova classe trabalhadora’ não tem mais os traços característicos da antiga ‘aristocracia operária’: passividade, indiferença, corrupção... A ‘nova classe trabalhadora’, qualificada por seu papel na produção de uma forte coesão social, procura criar ‘fora do trabalho’, na “*cité*”, relações sociais complexas.” H. LEFEBVRE, *loc. cit.*, p. 200-201.

⁵⁰ Cf. P. BOURDIEU et J. C. PASSERON, “Sociologues des mythologies et mythologies des sociologues”, *Les Temps Modernes* (211), pp. 998-1021.

Howard (*Tomorrow*, 1898), síntese bem sucedida da cidade e do campo, e que P. H. Mann observa que é projetada para ser habitada pela burguesia distinta (“*genteel middle class*”),⁵¹ tem seu centro sendo formado por um hospital, uma biblioteca, uma sala de concertos, uma câmara municipal e um museu. Essas utopias que através diversas mediações marcaram a política de urbanismo e sobrevivem em alguns programas, descrevem uma cidade saudável, limpa, harmoniosa, integrada tal como uma aldeia tradicional e livre do proletariado, ausente ou transformado pelas virtudes do contato evangelizador com as classes médias.⁵² O equilíbrio harmonioso das classes garante animação e harmonia nas comunidades sonhadas por esses planejadores – os indivíduos de classe média fornecendo os “*leaders*” para a massa de indivíduos da classe popular: “todo plano urbano deveria ter como objectivo produzir unidades de vizinhança bem integradas à cidade e harmoniosamente equilibradas do ponto de vista da composição social”.⁵³ Até a ênfase teórica sobre a “vizinhança” como conceito privilegiado da sociologia urbana e sobre a sociabilidade como objeto de excelência dos inquiridos da sociologia urbana, podem ser explicadas pela nostalgia tipicamente populista da comunidade idílica da aldeia.⁵⁴

Menos informados do que os sociólogos que insistem em ver na aproximação espacial das classes sociais as premissas e a garantia de uma aproximação social, os moradores dos grandes conjuntos habitacionais continuam, no entanto, trazem temas a propósito dessa situação excepcional de coabitação através, na maioria dos casos, de preconceitos. A mistura de classes sociais, denunciada

⁵¹ P. H. MANN, *An approach to urban sociology*, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1965, p. 121-124. Podemos distinguir na origem dessas utopias as mesmas preocupações diante da industrialização e da constituição de um proletariado, classe ignorante, que inspiraram muitas especulações sobre a cultura. Cf. R. WILLIAMS, *Culture and Society, 1780-1950*, Harmondworth: Penguin Books, 1963 (2ª ed.). Notemos a recente tradução do livro de E. HOWARD, *Les Cités-jardins de demain*. Paris, Dunod, 1969.

⁵² Da mesma forma, na França, no século XIX, a denúncia das “*cités*” operárias como “campos entrencheados” que ameaçavam a sociedade, através da aproximação e da reunião de proletários ou, pelo contrário, a celebração da aproximação espacial das classes sociais como garantia de harmonia e paz social, têm um lugar importante nas especulações sobre a habitação. (R. H. GUERRAND, *Les origines du logement social en France*, Paris, Editions Ouvrières, 1967).

⁵³ Citado por P. H. MANN, *op. cit.*, p. 174.

⁵⁴ P. H. MANN (*op. cit.*), que retraca a história dessas especulações e que mostra como elas se perpetuaram no campo da reflexão urbanística na Grã-Bretanha (p. 170 seg.), formando assim uma espécie de “inconsciente” da sociologia urbana, assinala a importância da noção de vizinhança na tradição sociológica (p. 149), sem no entanto questionar os privilégios teóricos desta noção.

como promiscuidade ou celebrada como aproximação, é muitas vezes a temática explícita das declarações sobre o grande conjunto.⁵⁵ Quando superamos a opinião geral sobre um problema de urbanismo, as respostas fazem sempre referência ao contexto social, os indivíduos se comparam com os outros grupos tanto no presente como também em suas perspectivas em relação ao futuro. As atitudes em relação ao grande conjunto expressam portanto a conveniência *social* que os habitantes reconhecem em relação à aproximação espacial de grupos diferentes. Ao pronunciarem-se sobre o grande conjunto, eles se pronunciam na verdade sobre a distância real que eles percebem entre seu grupo e os outros grupos com os quais eles foram “artificialmente” aproximados. Assim, os indivíduos de classe popular ou de classe média em fase de mobilidade declaram-se muito favoráveis a uma situação que lhes proporciona quotidianamente a oportunidade de frequentar as categorias às quais eles ambicionam, as razões para acreditar que de fato eles se aproximaram, e modelos para a aprendizagem de sua condição de aspirantes: “Nesses grandes conjuntos estamos muito misturados, temos um médico e um trabalhador no mesmo bloco, os salários são muito diferentes uns dos outros, não me incomoda não; a escada comum do edifício é a casa, é a família” (trabalhadora, proprietária). “Eu não me incomodo com as misturas; pelo contrário eu prefiro: se todos são do mesmo nível, se nossos maridos são todos trabalhadores, se estamos todos no mesmo plano até simpatizamos, mas é preciso alguém que traga o seu conhecimento, é preciso beneficiar do conhecimento dos outros” (mulher de trabalhador qualificado, inquilina). Em consequência, as atitudes variam conforme o contexto de moradia: se ele permite a aproximação com categorias mais altas ou, pelo contrário, se ele aproxima as categorias populares.⁵⁶

Em qualquer caso o “anonimato” nas novas “*cités*”, que autoriza uma ruptura com o grupo de parentesco e com controle da comunidade de

⁵⁵ “Há inquilinos demais, muitas classes sociais diferentes” (Vendedor de uma grande loja); citado por P. CLERC, *op. cit.*, p. 380.

⁵⁶ De forma que, para realmente constatar a importância da coabitação de classes na definição das atitudes em relação ao grande conjunto habitacional, seria preciso levar em conta na análise das respostas, tanto a categoria social dos entrevistados (mas definida de maneira bem fina para não neutralizar em uma falsa média a diversidade de atitudes dos diferentes grupos constituídos pelos processos de seleção), quanto a composição social detalhada da “*cité*” onde vivem – e não por vezes uma e por vezes outra.

residência integrada, se ajusta bem à situação dos grupos em fase de mobilidade, que tendem a se separar do grupo ao qual pertencem. Pelo contrário, os grupos situados nas duas extremidades da hierarquia criticam essa situação, porque ela os obriga a uma coexistência que não é natural.⁵⁷ Os grupos mais desfavorecidos, expostos ao desprezo dos outros e à confrontação com formas de viver inacessíveis, sentem isso como uma humilhação. “Parece-me que em Sarcelles deve ser menos orgulhoso do que aqui, é um conjunto mais operário. Aqui é uma mistura, tem de tudo. Aqui não há o que fazer, as pessoas não são nem mesmo educadas, te empurram!... É orgulhoso. Há muitas pessoas que são proprietárias, elas são arrogantes e orgulhosas!” (trabalhadora, inquilina). Os indivíduos de classe alta, ou de classe média alta, criticam o próprio princípio do grande conjunto e são muito sensíveis às dificuldades da coabitação.⁵⁸ Muitas vezes, na verdade, as opiniões gerais sobre o grande conjunto habitacional ou sobre o contexto de existência, ou até mesmo os comentários sobre detalhes que podem parecer puramente materiais, expressam de forma indireta a reação à situação de coabitação.⁵⁹ Assim, não se entende a importância da questão recorrente do barulho, frequentemente associado nas críticas às questões de promiscuidade e de mistura social, se não vemos que os inconvenientes reais de um isolamento acústico deficiente têm um significado social:⁶⁰ o barulho

⁵⁷ Da mesma forma, um estudo sobre as mulheres num grande conjunto demonstra que são as mulheres de gerentes de nível médio que apreciam a residência em um grande conjunto, enquanto as mulheres de trabalhadores e de gerentes de nível alto, por razões diferentes, são mais frequentemente insatisfeitas. (M. HUGUET, “Les femmes dans les grands ensembles”, *Revue Française de Sociologie*, 6 (2), avril-juin 1962, pp. 215-227).

⁵⁸ No conjunto funcionando como condomínio, 47 % dos indivíduos declaram-se incomodados pelo barulho, crítica que os trabalhadores nunca enunciam, e os funcionários raramente (25 %).

⁵⁹ “Ah, se eu pudesse ir embora, seria com alegria; tudo é ruim aqui, construção ruim, vizinhança ruim sobretudo” (contador, proprietário). A ambição ao “pavillon”, que obedece às condições que definem para cada grupo as oportunidades objetivas de moradia (para sonhar com o “pavillon”, é preciso ser capaz de alcançá-lo qualquer dia), não expressa muito mais do que o culto da privacidade, e a nostalgia pela segregação dos grupos sociais. Todos os gerentes de nível alto, 63,5 % dos gerentes de nível médio, 55,5 % dos funcionários e 33,5 % dos trabalhadores desejam ser proprietários e morar em uma casa. “Eu gostaria de uma casa no entorno de uma cidade: a vantagem é de não ser incomodado pelas pessoas ao redor, de não ter comunidade uns com os outros, é melhor” (gerente de nível médio, proprietário).

⁶⁰ Se as críticas em relação ao “barulho” variam de acordo com o tipo de construção (21 % dos habitantes de edifícios de tipo “Lopofá”, 28 % dos habitantes de “Logeco” e 47 % dos habitantes de HLMB não são incomodados por qualquer barulho), a composição social da população pode explicar isso, tanto quanto a qualidade do isolamento acústico (os HLMB sendo de melhor construção do que os Logecos e estes, por sua vez, do que os Lopofas): de fato os habitantes de Logecos são majoritariamente de classe popular (54 % contra 46 % de classes média e alta), enquanto que nos HLMB as classes média e alta prevalecem

lembra, até mesmo na privacidade, quão estrangeiros os vizinhos podem ser quando vivem de acordo com outros horários e outros modos – os barulhos mais desagradáveis são considerados aqueles que proclamam métodos de educação brutais ou que revelam hábitos de sexualidade diferentes, ou seja, aqueles que testemunham da “incivilidade” e da “ignorância”.⁶¹ Assim poderíamos mostrar que, na maioria dos casos, as críticas se referem à coabitação das classes sociais,⁶² ou, mais especificamente, à uma estrutura particular das relações objetivas entre as classes que pode vir a suscitar queixas aparentemente contraditórias, de promiscuidade e de isolamento.

A diferenciação dos grupos e os terrenos de conflito

A linguagem da transformação e do desaparecimento da sociedade de classes abrange duas ilusões simétricas. De acordo com a primeira os grupos, ou melhor, os indivíduos situados em fases idênticas começam, com a instalação em um novo habitat, a divergir muito fortemente porque eles usam mais ou menos completamente as possibilidades que a situação permite, a diversificação é aqui definida de forma psico-sociológica como um despertar diferencial das ambições e das “necessidades”; de acordo com a segunda, a aproximação e identificação nas condições de moradia homogeneizam os grupos que eram diferentes antes da instalação no grande conjunto. O princípio dessas ilusões antitéticas e cúmplices é a subestimação das diferenças anteriores que o processo de seleção da população dos grandes conjuntos habitacionais reforça e destaca, aproximando categorias

(60 % contra 40 % das classes populares) (fonte: inquérito da Companhia de estudos industriais e de planejamento do território). As críticas em relação ao barulho são frequentemente associados às críticas sobre a qualidade dos vizinhos: “há um conselheiro municipal... é um bom edifício, não há muito barulho, há um reparador, um funcionário das obras públicas, um funcionário do setor privado... é tranquilo... é limpo, é o nosso canto” (funcionária).

⁶¹ “O que incomoda aqui, são os gritos... enquanto que antes você estava com pessoas de um certo nível, bem, faziam barulho normal, você nem reparava mais” (citado por N. HAUMONT, “*Les pavillonnaires*”, Paris, 1966, p. 126). A oposição entre classes média e classes populares se expressa claramente nos comportamentos os mais cotidianos, as conversas discretas ou barulhentas, os aparelhos de rádio ou de televisão sonoros ou silenciados, as reprovações barulhentas e públicas feitas às crianças ou repressões em bom tom.

⁶² Se os argumentos a favor da construção de grandes conjuntos habitacionais são baseados principalmente nas condições objetivas e materiais da moradia, as objeções são muitas vezes baseadas (46 % dos casos) em impressões subjetivas que se referem, apesar das aparências, às desvantagens de certos bairros (barulho). As desvantagens mais citadas (50 % dos casos) fazem referência, direta ou indiretamente, à qualidade dos vizinhos (P. CLERC, *op. cit.*, p. 377).

fortemente contrastadas. Atribui-se à eficácia do grande conjunto fenômenos, onde a instalação no conjunto é frequentemente considerada consequência ou acompanhamento, e mais raramente condição favorável (no caso dos grupos para quem o grande conjunto se inscreve numa trajetória ascendente) – a mudança de residência permite e atualiza, ao mesmo tempo, os projetos de mobilidade. As relações entre os grupos são afetadas pelas diferenciações que acontecem durante a transformação das condições de vida. A instalação em uma nova moradia determina as transformações na economia doméstica e, conseqüentemente, na vida familiar. Somente a medida da dispersão de renda seria suficiente, se fosse feita com mais frequência,⁶³ para mostrar o caráter ideológico do discurso sobre a aproximação das condições: de acordo com um inquérito sobre famílias vivendo em HLM, a relação de ganhos entre o grupo de renda mais baixa e o grupo de renda mais alta é de aproximadamente 1 para 2.⁶⁴ As taxas de equipamento revelam diferenças ainda mais acentuadas.⁶⁵ A instalação em uma moradia nova resulta também em uma série de mudanças no orçamento, fazendo como que as diferenças econômicas pré-existentes à instalação sejam modificadas. De acordo com um inquérito⁶⁶ comparando o orçamento de famílias vivendo em uma habitação antiga com famílias vivendo em habitação nova, as despesas de

⁶³ Os pressupostos idealistas e “sociabilistas”, inspiradores dos estudos de sociologia urbana, aparecem nos raros estudos sobre as condições econômicas de existência e as transformações submetidas ao orçamento de consumo, durante a instalação em uma nova moradia.

⁶⁴ A média mensal de rendimentos individuais do chefe de família é de 43.702 francos (antigos) para o grupo 1, contra 104.022 para o grupo 4. O nível de vida mensal por unidade de consumo é de 24.952 francos em média para o grupo 1, e de 44.994 para o grupo 4 (fonte: VINOT, “Résultats d'une enquête socio-économique sur les niveaux de vie et sur quelques aspects des conditions d'existence de 2.000 foyers vivant en HLM”, *Journal de la Société de Statistique de Paris*, janvier-mars 1962, pp. 39-63). As diferenças são ainda maiores no inquérito feito por P. Chombart de Lauwe, onde a média das rendas mensais (em milhares de francos) passa de 37,5 para os trabalhadores especializados, a 107 para os “intermediários 2” (P. CHOMBART DE LAUWE, *op. cit.*, vol. II, p. 314).

⁶⁵ Assim, no grande conjunto estudado, a taxa de proprietários de automóveis passa de 40 % para os operários a 53 % para os trabalhadores especializados, 74 % para os trabalhadores qualificados, 57 % para os funcionários, 79,5 % para gerentes de nível médio e artesãos comerciantes, e 82,5 % para os gerentes de nível alto e os profissionais liberais. Devemos notar que as relações entre diferentes categorias, trabalhadores especializados e operários de um lado, trabalhadores qualificados por outro lado, e funcionários de um lado, gerentes de nível médio de outro lado, são as mesmas que as acima identificadas, em outras áreas. Da mesma forma, a taxa de equipamento telefônico é, para essas mesmas categorias, respectivamente de 16,5 %, 9 %, 15,5 %, 29 %, 40,5 % e 71,5 %.

⁶⁶ Cf. VAN GRAVELINGHE, “Etude comparée de la situation des budgets de ménages habitant logements neufs et anciens”, *Etudes statistiques* (4), 1961.

habitação são em média mais elevadas para as moradias novas do que para as antigas (média de 3.624 francos por ano, contra 2.703 francos); o valor destas despesas é muito elevado para as famílias cujo gasto total é mais reduzido (20 % e mais da despesa total, contra cerca de 10 % para as famílias cujo gasto total é o mais alto). A comparação dos orçamentos familiares de uma mesma categoria social mostra que, em todas as categorias, com exceção dos gerentes de nível alto e profissionais liberais, as despesas além daquelas referentes à moradia são inferiores para as famílias que vivem em edifícios novos. Assim, a soma das despesas é, para os gerentes de nível médio e os funcionários, de 14.675 (novo) e de 15.762 (antigo); para os mestres de obra e trabalhadores qualificados, de 12.895 (novo) e de 13.923 (antigo); para os outros trabalhadores e o pessoal de serviço, de 12.416 (novo) e de 13.414 (antigo).⁶⁷ Os postos de trabalho onde a diferença é maior são geralmente o vestuário, os transportes individuais, a higiene, a saúde e os serviços domésticos, as férias.

O aumento da parte do aluguel nos gastos, o aumento das taxas e das despesas de transporte, os custos de manutenção, transformação e sobretudo instalação “exigidos” de alguma forma por um apartamento novo,⁶⁸ afetam os orçamentos das diferentes categorias sociais de forma muito diferente. A instalação numa nova habitação proporciona uma espécie de teste da capacidade ou incapacidade em acessar a outro estilo de vida: as classes médias podem realizar suas aspirações, desenvolver a arte de viver ajustada às exigências objetivas do apartamento; no caso deles, porque é difícil transportar ou reconstituir imediatamente todos os expedientes e frágeis equilíbrios nos quais muitas vezes seu orçamento estava baseado, as categorias menos privilegiadas podem se encontrar em uma situação ainda mais precária, onde a aproximação e o confronto com grupos mais

⁶⁷ A despesa média total tendo sido nivelada para as diferentes categorias, essas somas permitem medir a participação nas despesas pelos diferentes postos de trabalho e não no valor real das despesas.

⁶⁸ De acordo com o inquérito acima citado, 60 % das famílias estimavam que seu mobiliário era inadequado no momento da entrada na moradia, metade dos quais tinham completado o que faltava no momento do inquérito, enquanto a outra metade ainda não o tinha feito. 44 % das famílias estão pagando prestações de compras à crédito (VINOT, *loc. cit.*). Outro estudo mostra que, entre os habitantes de diferentes grandes conjuntos habitacionais, as compras (primeira compra ou substituição) de equipamentos, frequentes após a instalação no apartamento, são particularmente numerosas no sector de móveis e mobiliários para a sala de estar, centro da vida familiar: cerca de 20 % das famílias compraram um carro, 45 % uma geladeira, 40 % uma televisão, e 50 % um móvel de sala de jantar (fonte: inquérito da CINAM).

favorecidos alimentam um sentimento de rebaixamento, e a impressão de não estar à altura das exigências na nova moradia. A instalação tem portanto, para os grupos mais desfavorecidos, um efeito de ruptura, enquanto ela permite, nos outros grupos, o desenvolvimento de um estilo de vida próprio e, particularmente nas camadas mais favorecidas da classe trabalhadora, o acesso ao estilo de vida da classe média, facilitado pela aproximação espacial com os grupos de referência, e pela ruptura com os controles pelos quais, em uma comunidade integrada, o consumo era ajustado.⁶⁹ As diferenças entre grupos distintos que coabitam em um grande conjunto são reforçadas, especialmente quando a aparente semelhança das condições de habitação é susceptível de reforçar os mecanismos de diferenciação. Essas transformações tendem a repercutir, na classe média e nas camadas superiores da classe trabalhadora onde elas são mais pronunciadas, em toda a vida doméstica. Assim como o orçamento tende a reestruturar-se em torno da habitação, a vida social tende a se organizar em torno da vida familiar. A decoração do apartamento reforça a integração da família; o trabalho de decoração e organização do apartamento, as discussões, a compra conjunta, a bricolagem, proporcionam, junto com o foco e atividades em comum, a oportunidade de verificar ou realizar um acordo nas escolhas estéticas. Além disso, a ruptura com as antigas relações, a aproximação com categorias que nem sempre se gostaria de frequentar, a fragilidade geral da integração – devido à heterogeneidade da população – favorecem a consolidação da vida familiar ao redor da casa e do tempo livre gasto na intimidade familiar.⁷⁰ Essa transformação, voluntariamente assumida pelos grupos cujo sistema de valores permite a definição de uma arte de viver ajustada a essas condições, e cuja situação econômica permite tal arte de viver, é, ao contrário, muitas vezes sentida como relegação pelos membros das classes populares.⁷¹ Longe de levar a uma aproximação das condições de vida

⁶⁹ “Não queremos viver como tolos! Queremos estar à altura de alguns, à altura de alguns burgueses; queremos mostrar que somos capazes” (funcionário, proprietário).

⁷⁰ Daí a importância da televisão: a porcentagem do equipamento é de 70 % nas famílias estudadas por P. Clerc, contra 55 % para os lares urbanos (P. CLERC, *op. cit.*).

⁷¹ “Desde que estou aqui, não tenho amigos, às vezes eu me encontro sozinha, tédio então... é inacreditável... aliás, desde que estamos aqui compramos a TV, não saímos mais, ficamos confinados” (trabalhadora, inquilina). “Eu não me importo muito com os vizinhos, não nos relacionamos uns com os outros, não tenho relações de vizinhança... não conversamos na escada... nós nos cumprimentamos, só isso. Eu já tenho muito para fazer com minha família, para mim é o mais importante, estou centrada na minha família... as crianças, lhes devemos tudo” (funcionária).

e a uma homogeneização dos diferentes grupos, a instalação nas novas “*cités*” funciona como uma espécie de revelador do potencial econômico dos diferentes grupos, e reforça as diferenças básicas resultantes das condições de formação da população, produzindo assim uma divisão muito clara entre os grupos que incorporam completamente as potencialidades da sua situação e acessam à condição pequeno-burguesa, e os outros que permanecem na condição popular.

As relações entre grupos heterogêneos são dominadas pela oposição entre a moral pequeno-burguesa e a condição popular. Aqui, a moral popular não tem a integridade nem a segurança ética que ela teria num bairro popular integrado.⁷² Ela tende frequentemente a se manifestar de forma miserabilista, sob a ação combinada da posição do sub-proletariado e do sentimento de rejeição que o grande conjunto habitacional alimenta nas categorias mais desfavorecidas da classe trabalhadora. Estas últimas mobilizam a atenção direcionada às classes populares que, em evidência, são sujeitas à indignação geral porque seu estilo de vida contradiz a moral pequeno-burguesa em todos seus pontos essenciais, principalmente no que se refere ao comportamento econômico e à fertilidade e aos métodos de educação. É nos conflitos que surgem em relação aos jovens que melhor podemos retomar todas as críticas apresentadas contra os costumes populares. Nas relações cotidianas entre jovens ou entre jovens e adultos de classes diferentes, são confrontados, na prática, os diferentes métodos de educação dos vários grupos.⁷³ A condenação, em nome do ascetismo pequeno-burguês, dos costumes populares que abandonam à natureza aquilo que deveria ser um projeto de educação bem pensado, realizado com razão e método, aparece na acusação frequentemente como “deixar as crianças abandonadas” ou ainda na reflexão de um observador que, ao se referir aos filhos de uma família de classe popular do grande conjunto, nota que eles

⁷² Cf. H. COING, *op. cit.*

⁷³ De fato, as relações entre os adultos são, em todo caso, mais protegidas de conflitos, porque elas são mais limitadas e reguladas por convenções que definem as formas de se relacionar (ou de se evitar) e de se falar. Pelo contrário, a relação entre jovens e adultos tem sempre uma dimensão pedagógica, onde o adulto se encontra, em parte, em uma posição de educador: ele é assim levado a julgar os métodos de educação e os educadores que produziram o jovem com quem ele está em contato.

são “criados” e não “educados”.⁷⁴ É na aptidão em transmitir a cultura que observamos o sinal mais indiscutível de cultura, e denunciar a incapacidade de dar uma educação correta é uma acusação bárbara.⁷⁵ A oposição ética expressa neste terreno é mais forte ainda quando, para os grupos sociais em fase de mobilidade, a educação é o valor mais importante: as crianças e a educação das crianças têm grande atenção em um sistema de valores centrados na família; em segundo lugar, e mais importante, é através da educação dos seus filhos que os pais podem concretizar mais plenamente seu projeto de ascensão.⁷⁶ É no momento da adolescência que essa oposição é a mais forte.⁷⁷

⁷⁴ “Meu filho nunca saiu com ninguém! Os pais não conseguem cuidar dos seus filhos, eles trabalham e à noite estão ocupados com TV... Há crianças que têm todos os desvios na pele! Eles são mal encaminhados, soltos, os pais não dizem nada... São crianças que não têm interesse na escola, só pensam em desvios de atitude, em sair o mais rápido possível da escola” (porteiro). Observamos condenações semelhantes no caso de indivíduos de classe alta que, sendo contra a indignação pequeno-burguesa, podem expressar a sua distância numa linguagem inspirada pelo ideal da compreensão mútua: “temos amigos, enfim, pessoas que não são da mesma origem que nós, mas que eu acho extremamente simpáticas, são pessoas abertas, generosas e formidáveis, e que admiro muito... Mas o fato é que há problemas, talvez triviais, como a linguagem, os palavrões, o jeito como as crianças se comportam, uma falta de educação (mulher de gerente de nível alto, 6 filhos).

⁷⁵ A fonte de muitos inquéritos sobre as crianças em situação de risco mostra que, nos grupos populares, para acusar de crueldade, critica-se o fato de bater em crianças, de não saber educá-las. Ao longo do processo de realização dos inquéritos sobre a delinquência juvenil ou sobre crianças em situação de risco, podemos perceber as diversas formas que podem tomar, de um grupo a outro, a condenação dos métodos de educação popular. As críticas inspiradas por uma moral ascética podem suscitar acusações de frieza e de falta de atenção às crianças, apoiadas no sentimentalismo mais característico das classes médias e da sua camada superior. É a ideia de abandono, de falta de cuidado, que permite a esses dois tipos de crítica se produzirem juntas. Assim, o julgamento pequeno-burguês, que acusa os pais de negligência, pode ser complementado pelo julgamento burguês que os acusa de frieza. Podemos observar esses valores em certos julgamentos quando os indivíduos apresentam dificuldade em admitir, no caso de pais de classe popular, certos sentimentos cujos sinais específicos e características eles não reconhecem – ao menos dentro da sua classe. Assim, descrevendo a população de HLM parisienses, um analista escreve: “Os pais, especialmente as mães, amam as crianças. Mas falta carinho da parte delas: à noite, não se beijam para dizer boa noite” (V. STANCIU, *La criminalité à Paris*, Paris, Centre National de Recherche Scientifique, 1968, p. 202).

⁷⁶ Percebido ao nível psicológico como pretencioso, o “zelo” escolar que alguns grupos sociais manifestam pode ser explicado na verdade pelas esperanças de ascensão social depositadas na escola: “Há também pais que vêm continuamente perguntar-nos se está tudo bem na escola, se seu filho está bem, eles gostariam que lhes dessemos aulas particulares desde o jardim da infância! São pequenos gerentes que chegaram com dificuldade, que estão certos de sua importância...” (professora). Sabemos que as diferenças entre os grupos de habitantes do grande conjunto são particularmente acentuadas no campo da escolarização das crianças.

⁷⁷ “O que não é um problema no grande conjunto é que os filhos são pequenos; quando eles forem todos adolescentes, será um problema. Em relação a minha filha tenho medo! O pequeno bandido, não há razão para não ensinar-lhe alguma coisa, mas se você o faz sozinho, você não mudará nada. E quando nossos filhos estiverem mais velhos, eu vou ter medo... Eu preferiria que meus filhos tivessem contato com crianças que eles conhecessem em uma associação, na escola por exemplo, eles teriam colegas fora” (mulher de trabalhador qualificado, 35 anos). “Enquanto eles são pequenos, brincam na rua, não importa muito; quando eles crescem e você tem jovens com cabelo longo, com suas motocicletas, que começam a correr atrás das meninas, este não é o tipo de jovem que eu quero que meus filhos frequentem. Então, bom, vamos embora, é a fuga daqui” (mulher de gerente de nível alto, 6 filhos).

O pertencimento de classe deve então ser reconhecido por marcar, como se acredita, os gostos e as atitudes que se formam invariavelmente nesta idade, enquanto o monopólio da família sobre a socialização atenua-se, a ação da família é prolongada, complementada ou desafiada, por outras instâncias que podem afetar a aprendizagem adequada dos valores de classe.⁷⁸

A forma como as divisões etárias se combinam com divisões de classe social aumenta as diferenças entre os grupos e orienta as oposições sociais e demográficas: se a chegada ao grande conjunto não ocorre para todos os grupos sociais em um momento idêntico no “ciclo de vida” da família, o número de filhos e sua idade tendem a marcar mais ou menos da mesma forma a história da habitação: como resultado, não encontramos aqui a mesma diversidade etária (idade da família e idade das crianças) do que em bairros onde a renovação da população é progressiva, orientada pelo desenvolvimento contínuo e progressivo de habitações, e pelo movimento normal do nascimento, da nupcialidade e da mortalidade. Devido a quase ausência de gerações mais velhas, a estrutura da população tende a polarizar-se em uma estrutura com dois elementos opostos (pais/filhos), ao invés de uma estrutura com três elementos (avós/pais/filhos).⁷⁹ Por outro lado, são apenas algumas gerações que, devido ao aspecto irregular da pirâmide de idades, constituem cada um desses termos: por exemplo, a faixa etária dos pais não se distribui entre 25 e 55 anos, mas encontra-se na maioria entre 31 e 40 anos; da mesma forma, a maioria das crianças tem de 5 a 15 anos, sendo os jovens com idades entre 19 e 25 anos particularmente pouco numerosos.⁸⁰ Estes contrastes demográficos têm como efeito realçar a sensibilidade em relação às diferenças demográficas, presentes nas inúmeras discussões sobre os conflitos de gerações e a originalidade dos jovens. É de fato a categoria dos jovens que mobiliza

⁷⁸ Enquanto nas classes populares pode existir uma vida adolescente autônoma, a questão do lugar dos jovens se coloca de forma particularmente grave nas classes médias, devido ao estreitamento das relações e momentos de lazer entorno da família. A alternativa é radical: a afiliação ao grupo de pares aparece imediatamente como uma ameaça contra a integração familiar e, de forma inversa, o apego à família implica que a maior parte dos momentos de divertimento sejam divididos com o grupo familiar.

⁷⁹ M. YOUNG e P. WILLMOTT mostraram que, enquanto um bairro operário tradicional de Londres é caracterizado por uma estrutura com três elementos (filhos/pais/avós), os novos subúrbios apresentam uma estrutura com dois elementos (filhos/pais), estrutura que, devido ao ritmo médio de renovação, promete manter-se durante muito tempo (*op. cit.*).

⁸⁰ Assim, 38,5 % dos chefes de família têm entre 31 e 40 anos, e 51 % das crianças entre 5 e 14 anos.

a atenção. Isso se explica parcialmente por questões demográficas. De fato, se os adolescentes são menos numerosos do que os mais jovens (a faixa de 10-14 anos representa 27 % dos jovens de 0 a 25 anos, a faixa de 15-19 anos representa 23,5 %), e sua categoria parece particularmente importante quando relacionada ao conjunto da população – o qual ela representa mais de um décimo.⁸¹ Essa comparação é mais próxima da percepção real das diferenças demográficas que opõe grandes categorias sem detalhar as idades – adultos e jovens e, entre os últimos, os adolescentes aparecem como subcategoria particularmente notável. De fato, o peso de uma categoria na consciência social não é medido apenas pela sua importância numérica. Por ser o grupo menos controlado que escapa à socialização exclusiva pela família e a escola, e também o grupo mais visível nas “*cités*” onde eles são, durante o dia e juntamente com as mulheres que não trabalham, os ocupantes quase exclusivos, os adolescentes atraem a atenção orientada para a juventude em geral. Mas as diferenças demográficas devem sua intensidade ao fato delas serem sobre determinadas pelas diferenças entre grupos sociais heterogêneos que coabitam no grande conjunto. Como resultado das diferenças de idade de um grupo social para o outro, e das diferenças no número médio de filhos de uma categoria para a outra, a estratificação social ao nível dos adolescentes não é simplesmente a reprodução da estratificação ao nível dos adultos. O peso das classes populares é mais forte em relação aos jovens do que em relação aos adultos. Assim, enquanto a porcentagem das famílias de classe popular é de 56,5 %, a porcentagem dos jovens de meio popular na sua faixa etária é de 60 % para a faixa etária de 0-9 anos, 66 % para a faixa de 10-14 anos, 62 % para a de 15-16 anos, e 68 % para a de 17-18 anos. É portanto a idade em que as diferenças entre jovens é a mais pronunciada, e é também no momento considerado mais crítico onde os adolescentes de classe popular têm o maior peso na faixa etária. Deste ponto de vista, o grande conjunto habitacional apresenta contraste marcante com o resto do município: enquanto o grande conjunto é dominado por adolescentes da classe popular (66 % de trabalhadores entre os 10-

⁸¹ A faixa de 15-19 anos representa, no grande conjunto, 13 % da população contra 6,4 % em todo o município (em 1962), e 8,8 % em toda a França em 1966 (fonte: INSEE, *Annuaire statistique de la France*, 1967). Uma faixa etária mais próxima da definição social dos grupos etários – por exemplo 14-18 anos ou 14-17 anos – mostraria mais claramente a tendência aqui ressaltada.

18 anos), os outros bairros são dominados por adolescentes de classe média e alta (57,5 %, sendo 31,5 % filhos de gerentes de nível médio e 26 % filhos de gerentes de nível alto e profissionais liberais, contra 32,5 % de filhos de trabalhadores entre os 10-18 anos). O “peso” estatístico é intensificado pela presença física no bairro. Enquanto as relações dos adolescentes de classe média e alta se organizam em uma base diferente que a da vizinhança e, sobretudo com base na escola, os adolescentes de classe popular, mais confinados ao bairro, “tomam” as ruas do entorno, constituem grupos entre vizinhos: eles marcam ainda mais fortemente a percepção:⁸² “Existem várias categorias de meninos, os do bem, que não vemos, e os outros, a ralé... eles ficam até meia-noite, uma hora da manhã, roubam carros... eles não trabalham, acredita? aqueles que trabalham são bons, eles se comportam bem, você não os vê, eles não ficam por ai. Os jovens comportados são aqueles que vão para a escola, para o CET (Colégio de ensino técnico), esses não ficam por ai. Eles têm a cabeça cheia com tudo aquilo que têm para aprender, não têm tempo para ficar na rua” (porteiro no grande conjunto).

Os conflitos entre adultos e jovens são muitas vezes conflitos entre adultos de classe média e jovens de classe popular:⁸³ as classificações etárias escondem e disfarçam o fundamento desses conflitos, as oposições sociais. As críticas contra os adolescentes de classe popular se resumem frequentemente à queixas em relação à precocidade sexual. Comportamentos estatutários e altamente normalizados, tais como as saídas ao baile ou algumas técnicas de cortejo, aparecem como manifestações anormais, simplesmente por não acontecerem na idade considerada pelas classes médias como a idade normal

⁸² E mais fortemente ainda quando os adolescentes de classe popular (e especialmente dos meios mais populares) se concentram em lugares determinados nos quais, devido ao tamanho dos apartamentos, a densidade de grandes famílias é particularmente forte. A superlotação em algumas moradias, mais comum nos meios populares, também leva as crianças e os adolescentes de classe popular a ficar na rua mais frequentemente. P. Clerc observa que “nas habitações criticamente superlotadas encontramos 64 % de famílias de trabalhadores”, contra 22 % de famílias de funcionários, 10 % de gerentes de nível médio, 2 % de comerciantes, 2 % de gerentes de nível alto (P. CLERC, *op. cit.*, p. 252-256).

⁸³ Mesmo se os estudos distinguem várias categorias de jovens – especialmente os jovens trabalhadores e os jovens estudantes – categorias que abrangem uma distinção de classe, as descrições, globais e indiferenciadas, são na verdade dominadas por uma referência implícita aos problemas dos adolescentes de meio popular: “Neste grande conjunto a atividade principal dos jovens é de se reunir em gangues, ou grupos. O grupo precisa de uma atividade para se manter e se justificar. Se não existe nada para atender esta necessidade, os jovens serão acusados de ficarem na rua, de se envolverem em excêntricas, eles cometerão roubos e crimes de todos os tipos” (R. KAES, *op. cit.*, p. 115-116).

para esses comportamentos. Quando praticados mais cedo, são atribuídos, não à mudança de definição das várias faixas etárias ou à normas culturais diferentes, mas à “natureza”; apenas a “precocidade no despertar dos instintos” permite compreender que essas práticas aparecem antes do momento, antes da idade em que são ensinadas nas classes médias.⁸⁴

Parece que as diferenças neste domínio são reforçadas pelo efeito específico exercido pela estrutura da pirâmide de idades que tende a provocar uma redefinição dos grupos etários, de forma desigualmente rápida nos diferentes grupos sociais. Devido à ausência ou deficiência do grupo de jovens de 18 a 25 anos, os adolescentes de 14 a 18 anos são colocados na posição de jovens, herdando assim certos privilégios (tipos de saídas, de distrações, etc.) que, em outras circunstâncias demográficas, são considerados dos “jovens”.⁸⁵ A variação nas taxas de delinquência juvenil e especialmente dos crimes relacionados com a sexualidade fornece índices dessa mudança. Por um lado a adoção, por parte dos jovens com menos de 14 anos, de tipos de comportamento específicos das classes etárias mais velhas é mais frequente no grande conjunto, como mostra a porcentagem mais elevada deste tipo de crime (16 % dos crimes contra 7 % no resto do município); por outro lado e mais importante, este tipo de comportamento é considerado normal para os jovens com mais de 14 anos, uma vez que a porcentagem de crimes deste tipo diminui consideravelmente

⁸⁴ Assim, uma mãe de família de classe alta, se referindo aos adolescentes de uma nova “*cité*” e para justificar as medidas de precaução tomadas para dissuadir seus filhos da frequência destes jovens, declara: “São meninos largados. O comportamento deles não me encanta... São meninos que aos 13 anos já têm suas namoradas, saem com meninas. As meninas de 12 anos saem com rapazes, se beijam, etc. Eles não fazem isso com malícia, mas evoluíram mais rapidamente. Eu comecei a dançar aos 17 anos, e só com amigos ou primos. Meu filho ainda não está maduro para tudo isso... Muitos têm pais que trabalham, que saem mais. Existem muitos casais desunidos e separados...” (mulher de engenheiro agrícola, 40 anos, 7 filhos).

⁸⁵ M. Halbwachs, tentando explicar a redução da idade média no momento do casamento, entre 1913 e 1931, pela redefinição das classes etárias, nota: “era inevitável que, na França, a redução muito grande (cerca de um quarto) da população masculina (classes 1900 até 1915), incluindo ao final da guerra as categorias de idade de 23 anos a 38 anos, tivesse o efeito de fazer com que os jovens subissem na escala de idades (e talvez de descer, em alguns níveis, os mais velhos). É a sociedade como um todo, e não só o grupo dos jovens, que deve ter construído tal representação, uma vez que as relações entre todas as partes parecem ter sido transformadas. De qualquer forma, convocados rapidamente à situações que eram, antes da guerra, destinadas à indivíduos acima da sua idade, considerados capazes pelo meio social que necessitava deles... é concebível que também o senso de responsabilidade, provavelmente necessário para assumir, como dizemos, os deveres do casamento, tenha também crescido, amadurecido”. (“La nuptialité en France pendant et depuis la guerre”, *Annales sociologiques*, Paris, Alcan, 1935, Série E, fasc. I., pp. 1-46).

para esta faixa etária e é inferior à porcentagem registrada para o mesmo grupo etário no resto do município (2 % contra 6 %). Assim, o que ainda não é “normal” aos 15-16 anos em alguns meios, aqui já o é: as manifestações da sexualidade são consideradas normais, e existem formas de expressão normais para comportamentos que, em outros meios, são considerados ilegais e anormais antes de uma idade mais avançada. Como resultado dessa mudança, comportamentos semelhantes vão se reproduzindo nos grupos etários mais jovens, onde não são tolerados.⁸⁶ Sem dúvida, estas mudanças afetam mais a definição dos privilégios estatutários dos adolescentes das classes populares, de um lado porque eles são mais propensos a viver nessas novas condições, e de outro lado porque a rigidez dos métodos de educação nas classes médias,⁸⁷ e o número e definição precisa das etapas institucionais que marcam a adolescência, impedem essas mudanças ou, pelo menos, reduzem sua importância. Assim, as diferenças decorrentes de definições distintas de categorias etárias em cada grupo social se encontram reforçadas e, conseqüentemente, maiores são as possibilidades de mal-entendido e de conflito. O conflito de gerações, que parece particularmente intenso no contexto do grande conjunto habitacional, deve portanto sua intensidade à sua dimensão social. A oposição entre jovens e adultos tem maior força quando o lado “natural” e impulsivo da adolescência é reforçado pela “barbárie” das classes populares,⁸⁸ e a fase de estruturação da adolescência (que requer supervisão e formação) pela ignorância das classes populares (que requer treinamento e educação).⁸⁹ Assim, as oposições sociais e as divisões demográficas se apresentam

⁸⁶ Encontraríamos outros índices de aproximação das classes etárias: assim, enquanto os roubos, crime fortemente caracterizado, são, para o resto do município, claramente mais cometidos por maiores de 14 anos (44 %) do que para os menores de 14 anos (31 %), observamos que a diferença, longe de ser tão clara no grande conjunto habitacional, é inversa ao esperado (as respectivas taxas são de 64 % e 72 %). Da mesma forma, o vandalismo (forma típica de transtorno em crianças) é geralmente baixo entre os delinquentes do grande conjunto, e não há variações significativas da sua importância de uma faixa etária para outra (2,5 % para os maiores de 14 anos, 5,5 % para os menores); pelo contrário, entre os delinquentes do “resto do município”, o vandalismo é mais comum e muito mais frequente para os menores de 14 anos (18,7 %) do que para os maiores (7,2 %).

⁸⁷ cf. J.-C. COMBESSIE, « Education et valeurs de classe dans la sociologie américaine », *Revue française de Sociologie*, 10 (1), janvier-mars 1969, pp. 12-36.

⁸⁸ cf. L. Boltanski, *Prime educação et morale de classe*, Paris, La Haye, Mouton, 1969, pp. 19-33.

⁸⁹ Ph. ARIÈS observa que a relação entre indivíduos de classes altas e indivíduos de classes populares expressa-se, muitas vezes, pela linguagem da relação de adultos com adolescentes. (*L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Paris, Plon, 1960).

de forma específica no grande conjunto. Se, como no caso aqui descrito, as divisões etárias são caracterizadas pelas diferenças sociais, por outro lado, as variações de idade no acesso ao grande conjunto e o seu tempo de permanência alimentam o fato de que as oposições sociais se apresentem também através das diferenças de idade e, geralmente, das diferenças demográficas – as jovens famílias de gerentes de nível médio são opostas, por exemplo, às famílias de operários mais velhos e frequentemente pais de grandes famílias. Essas condições reforçam as oposições de classe, e contribuem simultaneamente a escondê-las na percepção dos indivíduos.

Para obter todas as consequências das características morfológicas dos grandes conjuntos, se faz ainda necessário especificar como as condições de formação da população e as condições de coexistência das categorias assim formadas afetam a percepção das relações de classe.⁹⁰ Podemos assim escapar da alternativa do tudo ou nada, ou seja, aceitar plenamente as análises que proclamam o desaparecimento das divisões de classe e confinar a sociologia à mensurar as variações do tédio, da sociabilidade ou da aversão, compreendidos como avatares de tendências universais ou, ao contrário rejeitar, como sendo irrealis, as consequências secundárias da estrutura particular que são apresentadas pelas oposições de classe, e observar aqui apenas a réplica inalterada de oposições sociais familiares. As diferenças entre vários grupos existentes no grande conjunto inscrevem-se na topografia. Diversos mecanismos contribuem à formas de agrupamento e de constituição como grupos separados, de categorias especiais: devido ao estatuto administrativo ou ao tamanho das moradias, ou ainda, às operações de reassentamento, alguns edifícios tendem a reunir certos subgrupos específicos. Neste contexto, esta categoria, formada pela concentração em um mesmo lugar e por mecanismos de seleção que apontaram as semelhanças internas, começa a existir na percepção social. Aquilo que, em outro lugar, seria um grande número de *casos sociais* espalhados e percebidos isoladamente, torna-se uma categoria que cria um *problema* social, uma *população* a qual é possível definir

⁹⁰ É de fato nesses termos e a esse nível que devemos estudar a relação dos indivíduos com sua condição social e com os outros grupos, se queremos entender o efeito específico das condições ecológicas: o lugar na estrutura social “local” determina o sentimento geral de que se tem da interação social, mais do que o lugar na estrutura social “nacional” (cf. P. H. MANN, *op. cit.*, p. 113).

o retrato moral e identificar as características.⁹¹ Isso é particularmente evidente no caso das “categorias párias”.⁹² O mesmo mecanismo opera para características demográficas tais como o tamanho da família. A percepção particularmente forte das quais as grandes famílias são objeto, e o papel extremamente variado que o discurso comum lhes atribui na etiologia dos males sociais de todos tipos, podem ser explicados por causas semelhantes – os apartamentos de mesmo tamanho são frequentemente reunidos em um mesmo edifício.⁹³

A transformação das categorias que informam a percepção social não se limita à constituição de categorias particularmente notáveis. A diversificação de subcategorias específicas leva à coexistência de categorias muito heterogêneas (uma “aristocracia” trabalhadora chegando por exemplo a coexistir com operários menos qualificados e menos “avançados”), e rompe com a homogeneidade das classes sociais como categorias que permitem classificar e localizar imediatamente os indivíduos. É mais difícil aplicar o julgamento “é um trabalhador” para certas categorias de indivíduos que estão nas extremidades da classe (no sentido lógico) subsumida neste termo. Normalmente, para situar

⁹¹ Este fenômeno poderia ser percebido de forma mais clara em outros casos (habitações provisórias, habitações de emergência, populações carentes, etc.). O processo social de formação e as formas de tratamento aplicados a certos grupos não têm apenas por consequência a constituição de categorias específicas; eles contribuem ainda para definir suas características essenciais. Assim D. Matza, analisando a história da Inglaterra no século XIX, mostra que o que separa os *pauper* dos *poor* são características resultantes do processo maciço de pauperização e às formas de tratamento dos pobres que, pela medidas de enquadramento e de assistência tomadas, exigem uma certa definição de pobreza e criam estigmas da miséria (“The disreputable poor”, em R. BENDIX e S. M. LIPSET (eds.), *Class, Status and Power* (2nd ed.), Routledge & Kegan Paul, London, 1967, pp. 289-302).

⁹² “Tem bairros onde é melhor... nesta rua... Existem apartamentos maiores, mas mesmo que nos propusessem uma moradia nesta rua, não iríamos. Está bastante misturado, é muito populoso, tem famílias grandes que estão sempre discutindo, dá para ver só passando por lá... há meninas que vão em porções, uma espécie de prostituição, mãe e filha” (mulher de trabalhador qualificado, 32 anos).

⁹³ “Na rua... há famílias com 10 crianças ou mais; muitas crianças não fazem nada, eles se divertem; na rua só há grandes apartamentos é por isso que é superlotado e as crianças estão o tempo todo na rua... isso dá uma má reputação à rua” (porteiro de edifício). De fato, nesses tipos de edifícios, onde três quartos dos apartamentos são F4 e F5, as grandes famílias são maioria (55 % das famílias têm três filhos ou mais), quando elas nem sequer atingem um quarto em outros lugares (21 %). As categorias sociais mais desfavorecidas (operários, trabalhadores especializados, trabalhadores qualificados, funcionários) são mais numerosas do que em outros lugares, sua inferioridade econômica é ainda mais acentuada devido ao fato que mais de metade das mulheres não trabalham (63 % do total), enquanto em outros lugares 52 % das mulheres exercem um profissão. Ainda observamos diferenças de nível cultural, pois 70 % dos chefes de família têm apenas o CEP (Certificado de estudos primários), contra 55,5 % em outros lugares; isto reflete-se no nível de escolaridade dos filhos, uma vez que 53,5 % dos jovens de 17 a 20 anos já trabalham, contra 16,5 % em outros lugares.

os sujeitos sociais, não há necessidade de utilizar plenamente a compreensão do conceito pelo qual eles são reunidos. A relativa homogeneidade dos sujeitos classificados (homogeneidade devido à residência, ao emprego...) facilita a classificação em uma categoria. Aqui, ao contrário, poderia-se dizer que os indivíduos devem utilizar as categorias de percepção reunindo nelas tipos tão diversos quanto aqueles que essas categorias devem reunir na sua utilização estatística.⁹⁴ Como resultado, a percepção social fragmenta-se, os sujeitos não são mais percebidos globalmente e são caracterizados pelo seu pertencimento a um grande grupo (“É um trabalhador”, um “funcionário”, etc.). Não deve-se observar aqui uma situação onde o pertencimento de classe desaparece em favor de distinções de estatuto dentro de um grupo homogêneo, como muitas vezes observamos no caso de mudança para uma nova residência.⁹⁵ A ruptura do sistema de categorias que permite classificar socialmente os indivíduos dá lugar, para designar a variedade de subcategorias que coexistem aqui, a uma série de oposições que permanecem profundamente de acordo, mesmo se disfarçada, com a lógica das oposições de classe.

Esses princípios de classificação diversa incluem frequentemente fortes conotações éticas. Temos assim, aquele que classifica as pessoas de acordo com

⁹⁴ Encontraria-se assim em L. CHEVALIER uma verificação das diferenças entre subcategorias subsumidas sob a mesma categoria estatística (mas, no caso por ele analisado, essas diferenças são associadas à uma separação espacial): “... essas semelhanças quantitativas não existem sem muitas diferenças... verifica-se entre Paris e o subúrbio, dentro das massas parisienses e departamentais e dentro das categorias profissionais, uma espécie de seleção que reserva Paris às pessoas mais qualificadas profissional e humanisticamente, para afastar em direção aos salários menos altos dos municípios vizinhos os trabalhadores menos hábeis e menos qualificados” (*La formation de la population parisienne au XIXe siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 1950, p. 242).

⁹⁵ O que M. YOUNG e P. WILLMOTT analisam assim: em um bairro trabalhador tradicional “todo mundo se conhece” e, além disso, cada um estabelece diversas relações, pois se está inserido em vários grupos; pelo contrário, em um subúrbio novo, o interconhecimento é muito fraco, e baseado apenas sobre os índices mais visíveis, os índices de estatuto econômico (posse do carro, de geladeira, etc.). A ‘situação social’ (como situação percebida) tende a ser reduzida para a posição em uma escala única, aproximando-se assim de alguma definição sociológica do estatuto – um conceito que é somente uma réplica teórica de um certo tipo de percepção social, nascida em um contexto muito específico. Além disso, no bairro moderno, a valorização baseia-se na situação da família nuclear, enquanto no bairro tradicional ela constitui-se a partir da situação da grande família que, por meio da diversificação dos arranjos possíveis, desencoraja a categorização em uma hierarquia única e, ao contrário, combina com uma percepção relacionada ao pertencimento de classe (M. YOUNG e P. WILLMOTT, *op. cit.*, pp. 161-164).

seu estatuto de ocupação, inquilinos e proprietários;⁹⁶ ou ainda, de acordo com as organizações através das quais acessaram o grande conjunto: “os que recebem subsídios de família”, suspeitos, se opõem à “aqueles que beneficiaram do 1 % do empregador”, sérios e recomendáveis.⁹⁷ Em outras ocasiões ainda, é um critério de natalidade (famílias grandes), ou de indícios de posse (carro, TV...). As categorias utilizadas e a relação com a estratificação social que se expressa no uso dessas categorias variam de acordo com a posição de cada grupo, mas podemos notar simplesmente a oposição entre os trabalhadores e às classes médias. Entre os primeiros, cientes do pertencimento à um mesmo meio, a diversificação das categorias e os vários fenômenos de diferenciação, consequentes, suscitam confusão e explicações morais (pela falta de solidariedade), ou psicológicas (através do orgulho) – sem que no entanto a referência à norma e à condição comum sejam operantes, tal como acontece na comunidade tradicional.⁹⁸ Por outro lado, entre os indivíduos de classe média, as categorias morais proliferam: elas não constituem grupos, mas permitem a percepção dos indivíduos em tantos casos quanto forem possíveis de se classificar em uma escala de vícios e virtudes. Esses julgamentos expressam muitas vezes a percepção que as classes médias têm das classes populares, caracterizadas pela irresponsabilidade econômica, a falta de previsão e controle e, em termos de comportamentos culturais, a falta de discernimento e de gosto. Assim, no conjunto funcionando como condomínio, os proprietários ressaltam o fato que o valor do aluguel é mais alto do que os pagamentos mensais, o que é uma condenação do uso da renda pelas classes

⁹⁶ No conjunto funcionando como condomínio, o inquilino é aquele que sempre tem culpa, que é responsável por todos os danos, “o chato é que há pessoas que não se importam, eles dizem: não importa, somos apenas inquilinos” (trabalhadora, proprietária). “Nós estamos todos em família, exceto os inquilinos que são mais distantes; não temos a impressão de rejeitá-los, mas parece que eles não se importam, não há forma de se entender com eles” (trabalhador proprietário).

⁹⁷ “Aqueles que vieram através de subsídios de família são os mais difíceis, existem famílias que deveriam realmente ser expulsas; não trabalham, têm cinco ou seis filhos, não têm dinheiro, e não podem ser expulsos por causa das crianças. Eles têm filhos todos os anos, os subsídios de família, os bônus sustentam a família... são famílias grandes de operários, pessoas que trabalham em obras públicas na estrada para cá e para lá, pedreiros, estucadores; aqueles que vieram por parte do empregador, aqueles são bons” (porteiro HLM).

⁹⁸ “Eles se acham, mas são apenas trabalhadores” (esposa de assistente-condutor da SNCF). “Não há mais cordialidade. No entanto são trabalhadores. Eu não vejo por que eles não seriam como nós. Pessoas que não ganham 1.000 francos por mês e que são orgulhosos! Que um patrão faça assim, é compreensível, mas um trabalhador, não” (citado por P. CLERC, *op. cit.*, p. 206 e por H. COING, *op. cit.*, p. 219).

populares; da mesma forma, uma taxa muito alta de natalidade é condenada, em nome de um *éthos* ascético.⁹⁹ A televisão desempenha, no discurso pequeno-burguês sobre a depravação e a estupidez, o mesmo papel de causa mítica que os meios de comunicação de massa exercem em qualquer discurso semi-científico.¹⁰⁰ A indignação moral, característica das camadas mais inferiores da classe média, marca todos estes julgamentos.¹⁰¹ Assim se expressa o ressentimento contra as classes altas, e sobretudo a distância em relação às classes populares,¹⁰² distância que deve ser marcada mais claramente ainda quando as condições objetivas estão mais próximas, e quando a aproximação no espaço aumenta o risco de confusão com categorias sociais que apresentam uma imagem de repulsão da condição popular, pois combinam “vícios” e “fraquezas”, devido à seleção invertida realizada nas classes desfavorecidas e devido às perturbações que a mudança de residência pode ocasionar no orçamento dessas categorias.¹⁰³ Se os conflitos de classe se expressam na linguagem da crítica ética, os objetos dessas críticas são indícios da moral de classe e os comportamentos nesses domínios expressam a disposição geral em relação à existência própria de cada classe e especialmente sua atitude em relação ao futuro. De todas as oposições utilizadas – os limpos e os sujos, os barulhentos e os tranquilos, etc. – as mais significativas se organizam em torno da relação ao futuro, tais como aquelas que opõem as pessoas com uma conduta sábia, que sabem poupar, calcular e ordenar seus gastos, e as pessoas que não

⁹⁹ “Eles têm muitas crianças, não adianta repetir-lhes que existe o *planejamento familiar*, meios de concepção, mas eles não vão se informar; poucos têm a coragem de ir, falta-lhes a vontade, há uma força de inércia, de passividade... para eles é uma espécie de compensação, quando você não tem muito dinheiro você acumula o que pode acumular sem pensar no amanhã” (gerente de nível médio).

¹⁰⁰ “Os pais não podem cuidar dos seus filhos, eles trabalham e à noite estão ocupados pela TV; eles tornam-se estúpidos com a TV, eles se sentam frente à TV, eles veem imagens e é o suficiente para eles, se eles entendam ou não, não importa... Quando eles não podem comprar a TV, então tem a TV com moedas” (porteiro).

¹⁰¹ S. RANULF (*Moral indignation and middle class psychology*, New York, Schockens Books, 1964) cita especialmente como um dos traços constitutivos dessa atitude rigorista a intransigência com os pobres, onde ele vê uma característica do calvinismo.

¹⁰² Cf. P. BOURDIEU, « Condition de classe et position de classe », *Archives européennes de Sociologie* 7, 1966, pp. 201-223.

¹⁰³ Daí a ênfase na necessidade de um princípio de seleção que organize a chegada dos indivíduos no grande conjunto habitacional, ou que distribua os indivíduos em áreas distintas, dentro do grande conjunto: “misturamos demais os pais que têm muitos filhos, crianças mal educadas... Deveriam ter feito “*cités*” só para eles” (mulher de agente de compras); citado por P. CLERC, *op. cit.*, p. 380.

sabem como organizar ou gerir seu orçamento, ou ainda aqueles que fazem gastos úteis e aqueles que compram por impulso e sem controle. Observa-se assim que a fertilidade¹⁰⁴ e o crédito contribuem para a produção das indignações pequeno-burguesas, uma vez que o comportamento nestas áreas expressam de forma sintética e simbólica o *éthos* de classe.¹⁰⁵

Todas estas transformações na separação dos grupos e nas categorias de percepção não afetam somente as relações de interação quotidiana: estas transformações não tendem também a modificar as relações entre as classes? A diversificação de subgrupos claramente particularizados, a explosão das categorias de percepção habituais, o desaparecimento da unidade de vizinhança como instância que lembra e controla o respeito das normas do grupo, a conseqüente diversidade dos grupos de referência possíveis e, de forma correspondente, a imagem negativa da condição popular, tudo leva a estimular, em algumas categorias – trabalhadores qualificados, técnicos, funcionários – os desejos de mobilidade que, muitas vezes são a causa da mudança de residência, são em qualquer caso reforçados por esta mudança. Estas ambições se fortalecem e se expressam na imagem de uma sociedade de níveis, que se substitui à imagem de grupos hierarquizados com limites bem marcados – uma sociedade onde a ascensão parece aberta, onde os esforços e méritos pagam: visão moralista que promete ao ascetismo pequeno-burguês sua recompensa. Essas condições são portanto propícias para o desenvolvimento de uma imagem meritocrática da sociedade, transmitida pela Escola. Os mecanismos de constituição da população dos grandes conjuntos habitacionais não têm portanto apenas a função de transformar a sociabilidade: não deve-se reconhecer neles uma função de diversificação social e de ruptura das solidariedades de classe?

¹⁰⁴ A um ponto tal que a designação de “famílias grandes” é, mais frequentemente, no discurso dos habitantes, o equivalente de famílias da classe popular.

¹⁰⁵ Cf. P. BOURDIEU e A. DARBEL, « La fin d'un malthusianisme », in DARRAS, *Le Partage des Bénéfices*, Paris, Ed. de Minuit, 1966, pp. 136-154.